

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
INSTITUTO DE ARTES  
LICENCIATURA EM MÚSICA

VITÓRIA STEFANY LIMA DE ANDRADE

**A CRIANÇA E A ARTE: barreiras e possibilidades em  
educação musical diante da infraestrutura de uma escola  
da rede de ensino público**

São Paulo  
2024

VITÓRIA STEFANY LIMA DE ANDRADE

**A CRIANÇA E A ARTE: barreiras e possibilidades em educação musical diante da infraestrutura de uma escola da rede de ensino público**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos para a conclusão do curso de Licenciatura em Música, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Daisy Alves Fragoso.

São Paulo  
2024

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação  
do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

---

A553c Andrade, Vitória Stefany Lima de (Vitória Lima), 2000-

A criança e a arte : barreiras e possibilidades em educação musical diante  
da infraestrutura de uma escola da rede de ensino público / Vitória Stefany  
Lima de Andrade. -- São Paulo, 2024.

102 f. : il.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Daisy Alves Fragoso.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música) – Universidade  
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes.

1. Música - Instrução e estudo. 2. Educação de crianças. 3. Professores de  
música. I. Fragoso, Daisy Alves. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de  
Artes. III. Título.

CDD 780.7

---

Bibliotecária responsável: Luciana Cortes Mendes - CRB/8 10531

VITÓRIA STEFANY LIMA DE ANDRADE

**A CRIANÇA E A ARTE: barreiras e possibilidades em educação musical diante da infraestrutura de uma escola da rede de ensino público**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos para a conclusão do curso de Licenciatura em Música do Instituto de Artes da UNESP, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Daisy Fragoso.

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em: 08/02/2024

**Banca Examinadora**

---

Profa. Dra. Daisy Alves Fragoso

---

Profa. Dra. Margarete Arroyo

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por sua infinita graça sobre a minha vida, sem Ele definitivamente não chegaria onde cheguei.

Agradeço aos meus familiares pelo apoio incondicional.

Agradeço à minha amiga Laura Muniz por ter me socorrido em momentos de desespero, mesmo sem perceber.

Agradeço à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daisy Fragoso por gentilmente ter aceitado orientar este trabalho, pelo apoio, paciência, preocupação e carinho.

Agradeço à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Margarete Arroyo que esteve presente no início desse processo e, sem dúvida alguma, foi importantíssima para a minha formação.

Agradeço à vice-diretora Aldaisa pela parceria durante todo o processo da pesquisa.

E por último mas não menos importante, agradeço a cada amigo que me ajudou de alguma forma durante esse processo, dentre eles, agradeço principalmente os meus amigos Fabricio, Paulo e Juliana pelos anos juntos na graduação.

“Para uma criança de cinco anos, arte é vida e vida é arte. Para uma de seis, vida é vida e arte é arte. O primeiro ano escolar é um divisor de águas na história de uma criança: um trauma”.

(Murray Schafer, em “O Ouvido Pensante”)

Alunos participantes da pesquisa, da esquerda para a direita, da fila de cima para a de baixo, respectivamente: Eduarda, Thayla, Anny, Stephany, Diogo, Mariana, Maria Eduarda, Carlos, Geovanna e Gustavo.



Fonte: Acervo pessoal.

## RESUMO

Esta pesquisa, de caráter qualitativo, tem como objetivo discutir possibilidades e barreiras em educação musical diante da infraestrutura escolar e fornecer ferramentas prático-educativas para educadores(as) musicais e para arte-educadores(as) em geral da rede pública de ensino. A escola escolhida para a produção dos dados foi a E. E. Horácio Quaglio, sendo que esses dados foram produzidos através da formação de grupo focal e de entrevistas semi-estruturadas. É importante ressaltar que esta é uma pesquisa centrada nas crianças, então compreende que as ideias e pensamentos expostos por elas são, de fato, válidas. No decorrer da pesquisa os dados produzidos são analisados em 13 categorias e, ao final, são apresentadas propostas que podem auxiliar o profissional docente, fazendo, assim, com que a criança e a arte permaneçam juntas.

**Palavras-chave:** Infraestrutura escolar; Educação musical; Ensino básico; Práticas pedagógicas; Pesquisa centrada nas crianças.

## **ABSTRACT**

This research, of a qualitative nature, aims to discuss possibilities and barriers in musical education against school infrastructure and provide practical-educational tools for music educators and art educators in general in public education. The school chosen to produce the data was E. E. Horácio Quaglio, and this data was produced through the formation of the Focus Group and semi-structured interviews. It is important to emphasize that this research is centered on children, so it's understood that the ideas and thoughts exposed by them are, in fact, valid. During the research, the data produced is analyzed into 13 categories and, at the end, proposals that can help the teaching professional are presented, thus ensuring that children and art remain together.

**Keywords:** School infrastructure; Musical education; Basic education; Pedagogical practices; Research centered on children.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 INFRAESTRUTURA ESCOLAR E IMPACTOS NOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM EM EDUCAÇÃO.....	10
2.1 Infraestrutura escolar e o ensino de Arte/das Artes.....	12
2.2 Educação musical e infraestrutura escolar.....	13
3 METODOLOGIA DE PESQUISA.....	14
4 A PESQUISA.....	19
4.1 A Escola Estadual Horácio Quaglio.....	20
4.2 Experiências e análises.....	23
4.2.1 Arte em construção: Bloco 1 - primeiro encontro.....	23
4.2.2 Arte em construção: Bloco 2 - segundo e terceiro encontros.....	24
4.2.3 Arte em construção: Bloco 3 - último encontro.....	25
4.2.4 Análise dos dados - grupo focal e entrevistas semi-estruturadas.....	26
4.2.4.1 Falta de material, infraestrutura, burocracia estatal e verba.....	26
4.2.4.2 Satisfação com as aulas, tempo de aula, relação discente-docente, aprendizagem e música nas aulas de artes.....	30
4.3. Práticas pedagógico-musicais.....	32
4.3.1. Jogos de apresentação/introdução.....	32
4.3.2. Composição em grupo.....	32
4.3.3. Jogo de copos.....	34
4.3.4. A importância da percussão corporal.....	35
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS.....	39
APÊNDICE A - Imagens da escola Horácio Quaglio (acervo pessoal).....	42
APÊNDICE B - Transcrições das entrevistas.....	47
APÊNDICE C - Termo de consentimento (alunos).....	101
APÊNDICE D - Termo de consentimento (vice-diretora e diretora).....	102

## 1 INTRODUÇÃO

O interesse por fazer essa pesquisa surgiu a partir da minha experiência como aluna da rede de ensino público, onde, por diversas vezes, vi professores frustrados e desanimados com o ensino da matéria de Artes. As aulas simplesmente não aconteciam ou eram superficiais demais para que houvesse engajamento dos alunos. Isso não foi uma experiência isolada pois estudei em três escolas públicas e todas tinham o mesmo problema, perguntava aos meus primos - que também estudavam em escolas públicas - e o discurso se repetia: “não tem nada”, “vira aula livre” ou “só pede para desenhar as mesmas coisas”.

Com isso em mente, decidi fazer uma pesquisa que pudesse auxiliar o(a) professor(a) de Artes, principalmente diante de tantos desafios que são enfrentados dentro da escola pública, seja do espaço físico, das relações sociais ou da negligência do governo com atrasos exorbitantes em relação aos processos de reforma dos espaços escolares.

A metodologia de pesquisa escolhida foi a qualitativa, pois ela permite um estudo mais aprofundado - no sentido de proximidade - dos indivíduos, fazendo com que o(a) pesquisador(a) se envolva diretamente com eles e com os problemas por eles enfrentados. Optei, também, por fazer esta pesquisa centralizada nas crianças, pois acredito veemente no olhar sensível e cuidadoso delas e na sua capacidade de expressar ideias válidas para a melhoria do espaço que estão ocupando.

Ao longo da pesquisa são discutidos dados sobre o espaço físico da escola em geral e as interações sociais entre os alunos e seus “superiores” (professores, gestão) e o quanto é importante que haja diálogo entre as partes. Por fim, apresento práticas pedagógicas para educadores(as) musicais e para arte-educadores(as) em geral da rede pública de ensino. Espero, assim, ajudar o(a) professor(a) a superar determinadas barreiras e auxiliar a criança a fazer sua arte.

## 2 INFRAESTRUTURA ESCOLAR E IMPACTOS NOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM EM EDUCAÇÃO

Para adentrarmos no assunto principal deste trabalho, primeiro é necessário falar sobre um dos grandes problemas que as escolas públicas brasileiras enfrentam, que é a falta de infraestrutura adequada. De acordo com Machado e Barbeta (2015, *apud* Vasconcelos *et al.*, 2021, p. 877), cerca de 48% das escolas brasileiras podem ser enquadradas em níveis ainda elementares em termos de disponibilidade de equipamentos escolares. Oliveira (2017 *apud* Vasconcelos *et al.*, 2021, p. 883), por exemplo, diz que “as análises que descrevem as condições de infraestrutura física dos estabelecimentos de ensino brasileiros são unânimes em assinalar a situação precária e desigual de funcionamento de muitas escolas, ainda que sob diferentes perspectivas metodológicas”.

Vasconcelos *et al.* (2021, p. 883) levantam em sua pesquisa uma avaliação de infraestrutura escolar realizada pelo IIE<sup>1</sup> onde, em 2007, o índice médio de infraestrutura no Brasil ficou abaixo da metade ao analisar todos os 22 itens avaliados nas escolas públicas brasileiras (42,1%), sendo que em algumas escolas o índice foi de 0%, ou seja, sem qualquer infraestrutura. Os itens avaliados foram separados por quatro categorias: infraestrutura de serviços básicos, infraestrutura física, disponibilidade de equipamentos, e, por fim, capacitação de discentes. Havia, ainda, muitas escolas sem requisitos básicos de infraestrutura, como sala de diretoria, sala de professores e biblioteca. Em 2017 esse índice apresentou melhora, porém, pouco significativa, subindo apenas para 59,77%, sendo que nenhuma unidade federativa implementou todos os itens avaliados (*ibidem.*, p. 885).

Soares Neto *et al.*, (2013a *apud* Sá; Werle, 2017, p. 388), comentam sobre um estudo coordenado pelo pesquisador Joaquim José Soares Neto, com base no Censo Escolar de 2011, englobando escolas públicas, privadas, rurais e urbanas e chama a atenção o fato de que mais de 44% das escolas da educação básica do país contavam com uma infraestrutura escolar com apenas água, sanitário, energia,

---

<sup>1</sup> Índice de Infraestrutura Escolar. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/microdados/censo-escolar> Acesso em: 20 jan. 2024.

esgoto e cozinha. Ainda conforme os pesquisadores, por outro lado, havia apenas 0,6% das escolas de educação básica consideradas adequadas, ou seja, proporcionavam aos estudantes infraestrutura capaz de atingir os propósitos de uma educação de qualidade (Sá; Werle, 2017, p. 388).

Apesar do crescimento de 42% no valor do IIE em âmbito nacional em 2017, ainda havia problemas básicos a serem resolvidos, como a falta de saneamento básico em mais da metade das escolas públicas de Ensino Fundamental (Vasconcelos *et al.*, 2021). No que diz respeito ao desenvolvimento acadêmico do aluno de escola pública, é essencial que esses detalhes básicos de infraestrutura sejam resolvidos o quanto antes, pois isso influencia no bem estar dos alunos e, conseqüentemente, em seu aprendizado. Hornick (2012, p. 100), por sua vez, escreve que uma das razões de os alunos estarem motivados em aprender e gostar da escola pública e, conseqüentemente, essa ser considerada um “sucesso” dentre as outras escolas, é o fato da escola oferecer várias atividades diversificadas - esportes, artes, música, idiomas, dança - e de ter infraestrutura necessária para fazê-lo.

Tendo isso dito, outro desafio para a melhoria da infraestrutura escolar é a má gestão dos recursos que chegam até a escola. Segundo Vasconcelos *et al.* (2021, p. 888), os investimentos públicos em educação nos municípios onde as escolas apresentam piores condições de infraestrutura podem ter impacto negativo, no sentido de políticas públicas, em decorrência de fatores que envolvem fiscalização pouco efetiva dos recursos aplicados, elevados gastos com burocracia, denúncias de compras superfaturadas, desvio de merenda escolar e gastos abusivos com transporte escolar.

Nesse mesmo artigo, os autores comentam que o Relatório *Learning to Realize Education's Promise*, publicado pelo Banco Mundial em 2018, enfatiza a importância das escolas e aponta a necessidade de aplicar eficientemente os recursos públicos, considerando-se uma relação de causalidade entre infraestrutura escolar, investimentos em Educação e desempenho educacional. Portanto, o desempenho do aluno não depende somente de seu próprio esforço. Cabe ao poder público fornecer - e garantir - meios de fiscalização para evitar desvios, para que as escolas disponham de insumos básicos para exercer suas atividades com qualidade, e para

que todos os alunos tenham acesso a um ambiente favorável à aprendizagem, reduzindo, assim, as desigualdades no ensino (ibidem, p. 875).

## **2.1 Infraestrutura escolar e o ensino de Arte/das Artes**

Se Sá e Werle (2017), após terem feito trabalho sobre o estado da arte em pesquisas relacionadas à infraestrutura e espaço físico escolares, a conclusão a que chegam considera que ainda são poucas as publicações em relação ao tema, necessitando mais trabalhos e teses que tenham essa temática como foco principal. Quando fazemos um recorte do tema e alcançamos a questão da infraestrutura escolar relacionada ao ensino das artes, essa quantidade de trabalhos cai mais ainda, sendo, na maioria das vezes, mencionada apenas tangencialmente.

Dentre os trabalhos encontrados durante a revisão bibliográfica para esta pesquisa, destaco o artigo de Araújo e Rebolo (2021) no qual comentam que a escola à qual se referem no estudo de caso realizado tinha “uma infraestrutura adequada para atender às demandas e às necessidades específicas das linguagens artísticas e das demais disciplinas do currículo” (Araújo; Rebolo, 2021, p. 17). Essa escola, de acordo com esses pesquisadores, contava com sala de música e sala de corpo e movimento. Porém, vale destacar que a escola de que trata a pesquisa é particular, por isso, não contempla o problema específico deste trabalho que trata da infraestrutura em contextos públicos da educação básica.

Em outro artigo, segundo uma pesquisa realizada por Sousa, Hunger e Caramaschi (2014, p. 513), 43% dos professores de Arte relatam que a falta de infraestrutura adequada prejudica o desenvolvimento dos conteúdos das aulas. No que diz respeito ao ensino de dança nas escolas, os autores observaram que, dentre as escolas pesquisadas, a maioria delas “não oferece um espaço amplo e adequado para a realização das aulas de dança, bem como, material pedagógico na escola para subsidiar a prática pedagógica docente” (Sousa, Hunger, Caramaschi, 2014, p. 518). Sousa e Hunger (2019, p. 07) também comentam que, dos relatos coletados em relação à infraestrutura escolar para as aulas de dança, três tipos de problema foram evidenciados: limitação do espaço, estrutura física inadequada e falta de espaço físico.

## 2.2 Educação musical e infraestrutura escolar

Como comentei no subcapítulo anterior, quando se trata de artigos ou trabalhos que tenham a infraestrutura escolar e educação musical como tema principal, eu não encontrei nenhuma pesquisa. Ao pesquisar pelos termos “infraestrutura” e “infraestrutura, ensino público” nos periódicos da Revista ABEM, na Revista OPUS da ANPPOM e nos repositórios da UNESP e da USP, nenhum resultado com foco em infraestrutura escolar e seu efeito na educação musical foi encontrado.

Percebendo que em revistas da área de música era difícil encontrar algo, fui ao Google Acadêmico, pois ele busca resultados de diversas revistas, teses e dissertações. O que foi evidenciado é que a questão da infraestrutura aparece em textos sobre educação musical apenas de maneira periférica, quando o autor(a) comenta pontualmente sobre o problema enfrentado nas escolas. Nessa perspectiva, foram encontrados os trabalhos de Cruz (2014); Mello (2017); Muniz (2017); Moreira (2018); Chappaz (2023) e Mello e Rebolo (2023). Para este subcapítulo não ficar redundante, escolhi trazer aqui apenas dois trabalhos que comentaram acerca do problema, mesmo que superficialmente.

Cruz (2014, p. 4), ao comentar sobre os desafios e soluções para a implementação das aulas de música, fala que para inserir a música na escola, primeiro é necessária uma mudança na infraestrutura não somente da escola citada, mas também nos estabelecimentos de ensino em geral. Mello e Rebolo (2023, p. 10), por sua vez, ao pesquisarem sobre as condições de trabalho do professor de música na educação básica, também relatam que uma das questões que podem gerar um mal-estar docente é a falta de infraestrutura adequada para o aproveitamento do(a) educador(a), precisando, assim, de uma mobilização em conjunto dos professores para superar esse mal-estar docente.

### 3 METODOLOGIA DE PESQUISA

Esta pesquisa tem como objetivo geral discutir possibilidades e barreiras em educação musical diante da infraestrutura escolar na rede de ensino público, visto que, na minha experiência como educanda na educação básica e na de familiares próximos a mim que também frequentaram a escola pública, muitas vezes, a aula de artes simplesmente não acontecia, seja porque era tida como "aula livre" ou porque era conduzida a partir de conteúdos repetidos ou superficiais, sem profundidade no fazer artístico. Desse objetivo maior, surgiram os seguintes: 1) fornecer ferramentas prático-educativas para educadores/as musicais e para arte-educadores/as em geral da rede pública de ensino; e 2) promover espaços de diálogo nos quais os educandos/as sejam, de fato, ouvidos, permitindo, assim, que as práticas pedagógicas façam sentido dentro de suas vivências (ou que abram possibilidades para novas experiências).

Por consequência do problema apresentado neste trabalho, a metodologia qualitativa mostrou ser a abordagem que melhor supria as demandas que surgiram e, portanto, foi a escolhida. Isso porque a metodologia qualitativa permite um estudo mais aprofundado - no sentido de proximidade - dos indivíduos ou grupo pesquisado, fazendo com que o(a) pesquisador(a) se envolva diretamente com eles e com os problemas por eles enfrentados, permitindo assim um olhar mais humanizado a respeito daquela comunidade ou daqueles indivíduos (Martins, 2004). Além disso, permite ao(à) pesquisador(a) esquivar-se da generalização, voltando-se para a necessidade específica gerada pelo problema de pesquisa (ibidem, p. 295). No caso deste trabalho, essa relação mais próxima é de extrema importância, visto que para tentar solucionar ou fornecer ferramentas para amenizar o problema, o contato com o real - não apenas o estatístico - fez-se necessário.

Dentro da abordagem qualitativa de pesquisa, uma das ferramentas disponíveis refere-se ao grupo focal, que consiste em encontros com os participantes da pesquisa, sendo os dados produzidos em conjunto através de uma roda de conversa ou de uma entrevista semi-estruturada, podendo acontecer com todos os indivíduos simultaneamente ou em grupos separados, de acordo com o critério do(a) pesquisador(a) para melhor produção de resultados relevantes à pesquisa

(Mendonça; Gomes, 2016, p. 430-431). Devido a essa ferramenta de pesquisa proporcionar um olhar mais aprofundado em relação aos indivíduos participantes do trabalho, visto que os dados relevantes ao tema pesquisado são construídos em conjunto com o(a) pesquisador(a), ela foi a escolhida para a produção de dados desta pesquisa a partir, também, da elaboração de roteiro para conduzir a conversa com o grupo. Nesse sentido, o grupo focal foi a ferramenta de pesquisa utilizada para produzir os dados necessários para o trabalho, pois, dessa forma, os sujeitos da pesquisa puderam participar ativa e coletivamente desse processo, conhecendo, desde o princípio, o foco e o porquê do trabalho para que, assim, sintam-se confortáveis em compartilhar suas vivências. Como vozes ativas dentro da pesquisa, buscou-se não apenas registrar em formato de relatório o que as pessoas participantes falaram e expressaram durante a pesquisa, mas também compreender como o grupo participante se organiza socialmente, pensa e porque pensa de determinada forma.

Para produzir os dados desta pesquisa utilizando os meios já explicados anteriormente, inicialmente escolhi duas escolas públicas da rede de ensino estadual, essas foram: E. E. Horácio Quaglio e E. E. Profº Pio Telles Peixoto, uma escolhi por ser na região periférica de Osasco (onde moro) e outra por ser antiga aluna. Essa escolha se deu pela praticidade de ir em ambas as escolas presencialmente para realizar a pesquisa, já que ambas ficam relativamente próximas de onde eu moro.

Contudo, no decorrer da pesquisa, surgiram alguns imprevistos com uma das escolas, o que impossibilitou que eu continuasse a produzir os dados com ela. Sendo assim, os dados desta pesquisa foram elaborados a partir do trabalho com estudantes de uma única escola localizada na periferia de Osasco, o que, ao meu ver, continua contendo informações muito ricas no que diz respeito a organizações públicas, relações sociais e ao modo como determinadas interações podem gerar barreiras ou possibilidades de aprendizado de música em um espaço, tecnicamente, limitado.

Dentro dessa escola, optei por escolher a menor faixa etária possível, os quais, nesse caso, eram os alunos do 6º ano. Ao me reunir com a vice-diretora,

conversamos sobre qual turma seria possível realizar a pesquisa e, dentro dos horários que eu tinha disponíveis, foi escolhido o 6° ano A.

Foram realizados três encontros de 1h30min e um de 2h15min (último encontro) durante o mês de junho de 2023, às segundas e sextas-feiras. Para otimizar o tempo desses encontros, eles foram divididos em: proposta de atividade, criação, gravação e conversa (essa sendo apenas no último encontro). A ideia da conversa com os alunos inicialmente era de ser ao término de cada encontro. Porém, logo percebi que o tempo disponível era muito escasso, então tive que realizar outro planejamento. Para a realização das atividades, a sala foi dividida em quatro grupos, três de quatro alunos e um de cinco alunos. Como era uma proposta nova para eles, optei por fazer grupos de quatro alunos ou um pouco mais para melhor comunicação entre eles, pois percebi que com grupos menores eles se inibiam.

Outra ferramenta utilizada para a produção de dados foi a entrevista semi-estruturada (cf. Laville, Dionne, 1999) com a diretora e a vice-diretora da escola. Escolhi esse caminho para, como diz o ditado popular, “ver os dois lados da moeda” e, também, para obter dados que apenas essas funções específicas dentro da escola podem oferecer por estarem em contato direto com toda a gestão e administração da escola, assim como também com a burocracia e deveres em relação ao governo do estado de São Paulo. Durante as orientações para esse trabalho, também surgiu a ideia de fazer essa entrevista com a professora de Arte, porém, infelizmente, não houve tempo hábil para que isso pudesse ser realizado.

A seguir, apresento os roteiros utilizados no grupo focal e nas entrevistas:

<b>Grupo focal</b>
O que vocês acham da aula de Arte?
Por que vocês acham que isso acontece?
O que vocês vêem/aprendem na aula de Arte?

<b>Grupo focal</b>
Já tiveram algum contato com conteúdos de música na aula de Arte?
O que vocês pensam sobre isso?
Na opinião de vocês, como a escola contribui com isso/pode melhorar nisso?
Vocês acham que a escola oferece infraestrutura suficiente para as aulas de Arte?
E para os conteúdos de música?
Como vocês gostariam que fosse a infraestrutura da escola para essas aulas? Por quê?
Na opinião de vocês, o que os/as estudantes juntamente com os/as professores/as podem fazer para contribuir com isso?

<b>Vice-diretora</b>
Como vice-diretora, qual a sua função, burocraticamente falando, dentro da escola?
Em relação às atividades da diretora, o que muda?
Qual a relação entre a vice-direção e os alunos?
A aquisição de verbas para a manutenção da escola passa por você?
Quais são as dificuldades envolvidas na solicitação de um novo espaço, como uma sala específica para a aula de artes, por exemplo?
O que vocês poderiam fazer em conjunto com os alunos para ajudar nessa questão?
Como foi o processo de obtenção da biblioteca?

<b>Vice-diretora</b>
----------------------

Geralmente as solicitações dos alunos envolvendo a melhoria do ambiente escolar são atendidas? Há espaço para essa discussão com os alunos?
---

<b>Diretora</b>
-----------------

Quais são as questões burocráticas envolvidas na solicitação de novos materiais, espaços e manutenção da escola?
--

A escola possui um gestor escolar? Encarregado somente da gestão? E um administrador escolar?
---

Como funciona a aquisição de novas verbas? Tem um limite por ano? Ela é distribuída conforme a necessidade ou é um valor fixo recebido no início do ano?
--

Você acha possível implementar aulas de música na escola?
---

E dentro da aula de artes, é possível adquirir recursos para auxiliar o(a) professor(a) em uma eventual aula sobre música? Por que?
---

Seria viável uma assembleia entre a direção escolar e os alunos para discutir possibilidades de melhoria no ambiente escolar?
---

Emergiram 13 categorias de análise durante a escuta dos dados produzidos, sendo elas as seguintes: falta de material, relação discente-docente, satisfação com as aulas, música nas aulas de artes, tempo de aula, engajamento dos alunos, falas que chamaram a atenção, infraestrutura, aprendizagem, burocracia estatal, relação direção-alunos e, por fim, verba.

Como as categorias foram criadas apenas para organização, apenas algumas delas serão mencionadas, pois, por vezes tem apenas uma fala isolada em relação a determinado assunto. Essas serão expostas no item 3.2.4 do próximo capítulo. As transcrições das entrevistas com a vice-diretora e diretora, bem como da discussão com o grupo focal estarão disponíveis na seção de anexos ao final deste trabalho.

## 4 A PESQUISA

Conforme já enunciado, o interesse por realizar esta pesquisa veio de minha experiência pessoal na rede de ensino público, onde, por várias vezes, vi professores insatisfeitos com a qualidade do que estava sendo feito devido à falta de infraestrutura, tanto em relação a materiais específicos para a aula de Arte, como no espaço físico geral da escola. Poucos tentaram suprir essa ausência através de planos criativos para a aula e, lembro-me, isso me deixava triste, pois, em primeiro lugar, era uma disciplina que eu gostaria de fazer corretamente, em segundo, eu acreditava - e ainda acredito - que a arte tem potencial transformador e acolhedor.

Tendo isso em vista, procurei por duas escolas da rede de ensino público paulista. Optei por escolher escolas estaduais devido à maior quantidade de unidades próximas à minha residência. As escolas foram E. E. Horácio Quaglio e E. E. Profº Pio Telles Peixoto. A primeira, escolhi por ser na região periférica de Osasco - onde moro -, e, a segunda, por ter sido a escola onde estudei. Infelizmente, por falta de comunicação, não foi possível concluir a pesquisa na E. E. Profº Pio Telles Peixoto. Sendo assim, os dados contidos nesta pesquisa foram produzidos em conjunto com os alunos do 6º ano A da E. E. Horácio Quaglio e através de entrevistas semi-estruturadas com a vice-diretora e a diretora desta unidade de ensino.

Sendo esta uma pesquisa centrada nas crianças, é fundamental que as percepções e sugestões feita pelos alunos sejam levadas a sério, pois são sujeitos participantes na pesquisa, não apenas objetos para ela, suas visões e experiências são consideradas válidas. Alderson (2005), sobre isso, vai dizer:

Logo, envolver todas as crianças mais diretamente nas pesquisas pode resgatá-las do silêncio e da exclusão, e do fato de serem representadas, implicitamente, como objetos passivos, ao mesmo tempo em que o respeito por seu consentimento informado e voluntário ajuda a protegê-las de pesquisas encobertas, invasivas, exploradoras ou abusivas (Alderson, 2005, p. 423).

Foram programados 4 encontros de 1h30 cada (duas primeiras aulas do dia), em duas segundas-feiras e duas sextas-feiras, distribuídas nos dias 05, 16, 19 e 23 de junho de 2023. As professoras que gentilmente cederam o tempo de suas aulas

para a pesquisa foram as das matérias de Arte, Português e Geografia. Digo que os encontros foram “programados” pois houve uma alteração no último deles devido à escassez de tempo, precisando das três primeiras aulas para ser concluído.

Com isso, neste capítulo irei apresentar a escola onde foi realizada a pesquisa, as experiências de cada encontro e as análises dos dados produzidos com o grupo focal e as entrevistas semi-estruturadas. Por fim, narro as práticas pedagógicas que propus aos estudantes e sugestões para enfrentar a barreira que pode ser a falta de infraestrutura adequada.

#### **4.1 A Escola Estadual Horácio Quaglio**

A escola estadual Horácio Quaglio foi fundada em 1979 na cidade de Osasco, São Paulo. Se localiza na Avenida O Trabuco Rádio Jornal, nº 309, no bairro Jardim Platina. Segundo dados do Censo Escolar de 2021<sup>2</sup>, no que se refere à infraestrutura, dos 41 itens presentes, a escola se enquadra em 15 itens. Observei que nessa avaliação não constava que a escola possui biblioteca, porém, ao visitar a escola, verifiquei que continha um espaço, que era uma sala onde se guardavam materiais diversos e que, segundo a vice-diretora, foi montada uma mini-biblioteca. Contudo, a partir da definição do Inep, a biblioteca é um local composto por um acervo de livros e um profissional especializado, o bibliotecário. Por isso, atualmente, o espaço se configura como sala de leitura. Não há sala específica para a disciplina de Arte ou outras linguagens artísticas tais como música, teatro etc.

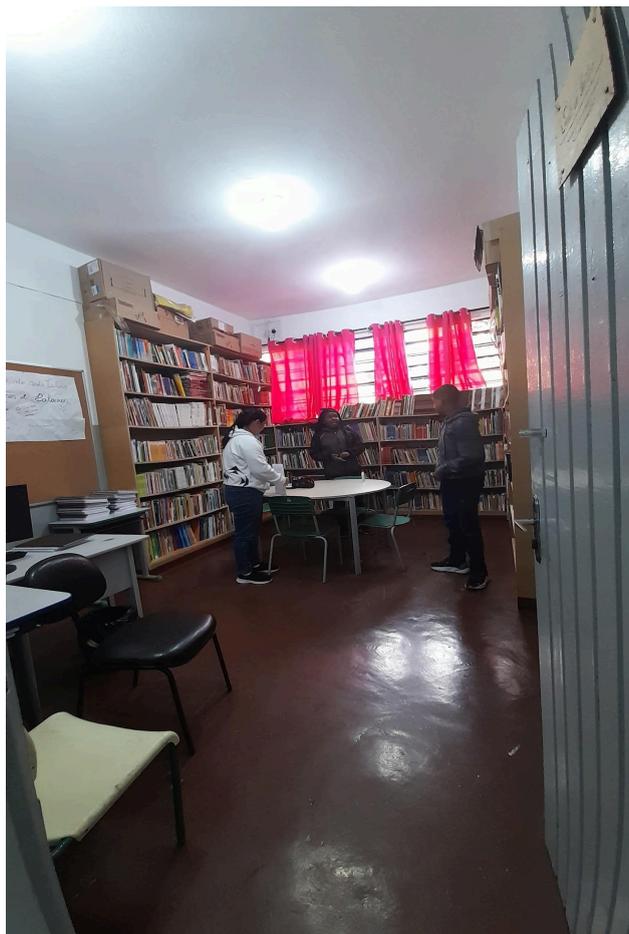
Em relação às instalações, a escola possui 10 salas de aula, sala de diretoria, sala de professores, laboratório de informática, quadra poliesportiva coberta, cozinha, sala de secretaria, refeitório, despensa, almoxarifado e pátio coberto. Atende turmas do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio e também conta com EJA (Fund. II ao EM).

---

<sup>2</sup> Disponível em:

<https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/microdados/censo-escolar>. Acesso em: 20 jan. 2024

Sala de leitura.



Acervo pessoal.

Pátio/refeitório.



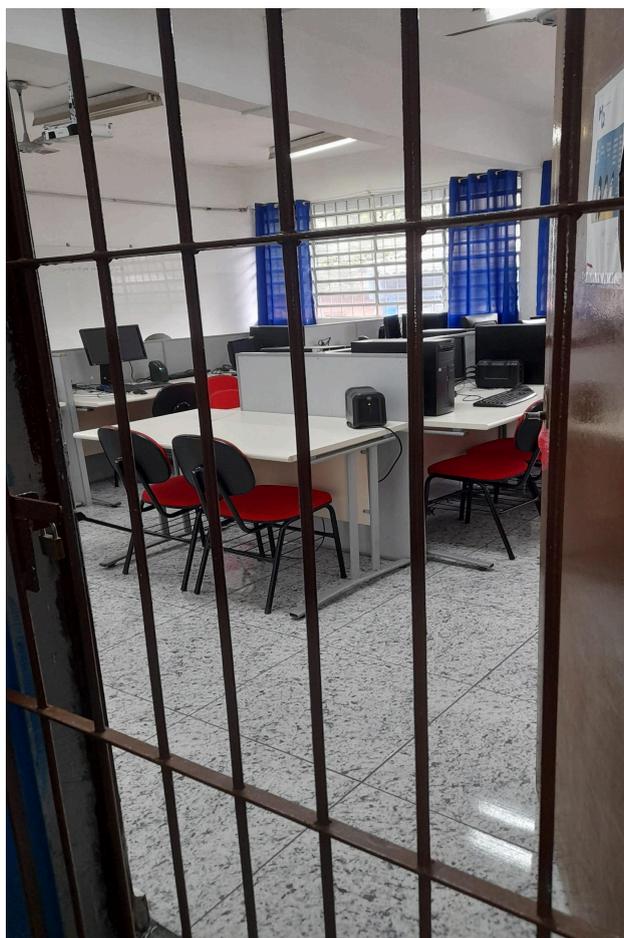
Acervo pessoal.

Quadra poliesportiva coberta e área externa.



Fonte: Acervo pessoal.

Sala de informática.



Fonte: Acervo pessoal.

## **4.2 Experiências e análises**

Conforme comentado, os quatro encontros programados foram divididos em 1h30min inicialmente, porém o último precisou de 2h15min para que o assunto fosse finalizado sem desespero. A ideia era que, em cada encontro, houvesse uma “sensibilização” ou breve introdução com alguma dinâmica que introduziria cada tema ou elementos da música - estruturada com tema, paisagem sonora e ritmo - que os alunos iriam compor até o final da experiência/pesquisa, além de realizar uma roda de conversa com os alunos com o roteiro do grupo focal. A seguir narro cada um dos encontros.

### **4.2.1 Arte em construção: Bloco 1 - primeiro encontro**

No primeiro encontro foi programada uma introdução para que eu pudesse conhecer os estudantes e para que eles me conhecessem. Nessa introdução, pedi para que eles se apresentassem com o nome, idade, signo (quem quisesse), apelido (quem tinha), o que mais gostavam e o que mais odiavam. Em roda no pátio da escola, então, começamos as apresentações.

Logo depois, fizemos um jogo de apresentação, o qual denominei “flecha percussiva”: fizemos a “flecha de comida” para já adentrarmos no primeiro elemento da música, que teria como tema as refeições diárias. Cada uma das práticas aqui comentadas serão explicadas no próximo subcapítulo.

Tendo já realizado as dinâmicas iniciais do primeiro encontro, fomos para a parte da composição em grupos. Estes foram divididos em três grupos de quatro alunos e um grupo de cinco alunos. Todos terminaram de compor, dois grupos conseguiram gravar o que fizeram e dois não conseguiram por falta de tempo.

Quase ao fim da segunda aula, voltamos para a sala e então fui tentar realizar a roda de conversa programada para aquele dia. Optei por não fazer no pátio por questões acústicas. No entanto, todos os alunos estavam muito empolgados com a discussão no grupo focal, e, por isso, não conseguia escutar quem estava respondendo, ou vinha outro aluno e cortava o colega. Como cada um estava em

sua mesa (pois, faltando apenas 10 minutos para o final da aula, não havia tempo de afastar as carteiras para ficarmos em roda e depois arrumá-las antes da próxima aula), optei por realizar e mudar a estratégia do grupo focal para o encontro seguinte. Esse pequeno episódio já indica a necessidade de haver espaços adequados para atividades que demandam outra organização física da sala de aula, a qual seja diferente daquela convencional que dispõe os estudantes em carteiras enfileiradas.

Um detalhe interessante desse dia foi que um dos alunos, que inicialmente estava relutante em participar da dinâmica, chegou até mim e me contou sobre o desejo de se tornar MC, inclusive mostrando composições próprias gravadas de forma caseira com o celular.

#### **4.2.2 Arte em construção: Bloco 2 - segundo e terceiro encontros**

Para o segundo encontro estava programado finalizar o que ficou pendente no encontro anterior, ou seja, gravar a primeira parte da composição, realizar as perguntas do grupo focal e introduzir o segundo elemento da composição: a paisagem sonora. Porém, no início do encontro já houve um susto, a professora tinha programado uma prova para aquele dia. Para a minha sorte, essa mesma professora daria a terceira aula do dia para os alunos, então foi possível realizar uma troca.

Ao lembrar os alunos o que havíamos feito no primeiro encontro, descobri que quem tinha gravado perdeu o registro, então tive que regravar a primeira parte da composição com cada um dos grupos. O único grupo que teve problemas foi o último, pois começou a ter ensaio para a festa junina da escola e não havia um lugar sequer onde o som não chegava, então procuramos um local menos barulhento e gravamos.

Quando todos os grupos terminaram de gravar<sup>3</sup>, a segunda aula já estava acabando e eu não podia me alongar pois na próxima aula teria prova, então não foi possível

---

<sup>3</sup> Gravações disponíveis no link:

[https://drive.google.com/drive/folders/1zJHZk5lljVukNAyJFyGsr\\_O-5Yqmb1y?usp=sharing](https://drive.google.com/drive/folders/1zJHZk5lljVukNAyJFyGsr_O-5Yqmb1y?usp=sharing)

realizar o que estava programado, inclusive as perguntas do grupo focal. Por isso, decidi deixar para o próximo encontro, tendo apenas introduzido o assunto.

Para o terceiro encontro estava programado apresentar apenas o último elemento da composição, que seria o ritmo. Para isso, fiz uma dinâmica chamada “apenas percussão”. Contudo, retomei o que seria o conteúdo do segundo encontro para que pudéssemos ter a paisagem sonora da composição. Levei, então, para a escola vários copos de plástico, caxixis e chocalhos não convencionais para que os alunos pudessem utilizar. Fomos ao pátio e pedi para que eles escutassem e identificassem o máximo de sons possíveis que estavam ao redor. Após cinco minutos, pedi para formarem os grupos e iniciar a composição da paisagem sonora que iriam utilizar.

Até o início da segunda aula, todos os grupos já haviam terminado sua paisagem sonora, então partimos para o tema do dia. Voltamos para a sala e eu escrevi na lousa as figuras de semicolcheia, colcheia e semínima, porém não expliquei a teoria delas, apenas perguntei se conheciam o samba. Então reproduzi o ritmo com percussão corporal e expliquei que o que eu estava fazendo era tocar a figura da semicolcheia repetidas vezes, a partir daí fui para as outras figuras, explicando que uma valia o dobro da outra. Reproduzimos cada uma em conjunto e então acabou a aula. Antes de ir embora, falei que faria um desafio no último encontro utilizando os copos, apresentei a brincadeira com o copo e então me despedi.

#### **4.2.3 Arte em construção: Bloco 3 - último encontro**

Comecei o último encontro separando a sala em seus respectivos grupos e realizando, fora da sala, as perguntas do grupo focal. Decidi por fazer isso pois percebi que com todos os alunos juntos seria muito difícil chegar em algum lugar devido à distração com conversas paralelas.

Quando todos os grupos terminaram de conversar comigo, voltei para a sala e realizamos um jogo/desafio musical com os copos em que a grande vencedora foi a aluna Stephany. Nesse dia também levei tinta e pincéis para que cada um dos alunos - que quisessem, claro - fizessem sua assinatura da forma que preferissem em uma camiseta branca.

#### 4.2.4 Análise dos dados - grupo focal e entrevistas semi-estruturadas

Como comentado no capítulo anterior, para análise dos dados produzidos, foram criadas 13 categorias de análise, sendo elas as seguintes: falta de material, relação discente-docente, satisfação com as aulas, música nas aulas de artes, tempo de aula, engajamento dos alunos, falas que chamaram a atenção, infraestrutura, aprendizagem, burocracia estatal, relação direção-alunos e, por fim, verba.

Neste subcapítulo, essas categorias foram analisadas em conjunto, pois uma acaba influenciando a outra inevitavelmente. Como algumas categorias foram criadas apenas para organização, decidi não mencionar todas aqui, pois, por vezes, é apenas uma fala isolada.

##### 4.2.4.1 Falta de material, infraestrutura, burocracia estatal e verba

Em relação aos materiais, Stephany, do Grupo 1 diz:

[...] Nunca mexemos com tinta, a professora disse que ia trazer mas faltou cor. [...] A professora que traz [a tinta], ela falou que ela tem que comprar a tinta. [...] Os materiais não prestam, os lápis não dá pra escrever direito e não dá pra fazer nada. (Stephany)

Gustavo, do Grupo 2, ao ser questionado se a escola oferecia materiais para a aula de Artes, comenta, no grupo focal, a precariedade e qualidade do material, conforme diálogo transcrito abaixo:

Pesquisadora: - Vocês acham que a escola oferece os materiais necessários para as aulas de artes?  
 Gustavo: - Não, só lápis de cor.  
 Pesquisadora: - E vocês gostam?  
 Gustavo: - Não, é mó ruim professora, quebra tudo.  
 Pesquisadora: - Quebra a ponta, você vai apontar e já era?  
 Gustavo: - É.

Em relação à infraestrutura, o Grupo 2 e o Grupo 4 comentam: "[Gostaríamos de ter] uma sala só de música que tenha instrumentos. Uma sala separada para cada

matéria, instrumento, sala de artes, tinta, que tenha cartolina, essas coisas” (Grupo 2). “Poderia ter instrumento, violão principalmente” (Grupo 4).

Questionando a diretora em relação à aquisição de materiais, foi-me informado o valor que a escola recebe por ano especificamente para essa área.

Nós recebemos em torno de 15 mil por ano de verba federal. A gente recebe ainda. Para a manutenção da escola, para a compra de materiais, assim, era quase que impossível ter uma escola decente com isso aí, com 15 mil por ano (Diretora Luciana).

Também me foi informado sobre uma verba específica que as escolas receberam durante a época da pandemia. Abaixo coloco a transcrição da entrevista em que isso é comentado:

Diretora Luciana: - Ele [ex-governador João Dória], com esse Programa Dinheiro Direto na Escola, por conta do COVID, ele mandou muita verba pra escola, muita. Assim, 200, 300 mil a gente recebeu.

Pesquisadora: - E esse valor se manteve fixo?

Diretora: - Não, depende da forma que você usa. Se você deixar resquício, significa que você não precisou do dinheiro, então ele manda menos. Então o certo é você pegar o dinheiro e gastar ele todinho, para ele poder entender que você está precisando ainda do dinheiro. Foi o que eu fiz. O primeiro ano, que foi em 2020, foi o primeiro ano do Covid, né? Então ele mandou pra...Ele mandou uma verba grande que ele chamou de PDDI Paulista pra manutenção da escola, pra compras de materiais, pra várias coisas, desde que a gente fizesse também um plano de aplicação financeira, junto com a Associação de Pais e Mestres - que é a APM -, e de acordo com os critérios dele também. Então ele dividiu lá: tecnologia, manutenção, pedagógico...E o que podia comprar e o que não podia comprar Então essa é muito autônoma, né? A gente tem uma certa autonomia mas tem essas restrições. Mas aí eu consegui fazer muita coisa.

Contudo, no decorrer da entrevista, percebe-se que essa verba foi utilizada principalmente para a manutenção dos espaços da escola, não com materiais didáticos. Em relação aos materiais que as crianças sentem falta - tinta principalmente - para a aula de Arte, não houve essa aquisição.

As alunas do Grupo 1, ao serem perguntadas sobre o que poderiam fazer para ajudar, comentaram sobre ajudar com os materiais - trazer de casa. Já os alunos do

Grupo 2 falaram que tinha que cobrar a diretoria. Aqui é importante ressaltar que a relação entre direção e os alunos é estreita o suficiente para o diálogo. Ao comentar sobre isso, a vice-diretora Aldaisa diz:

Ah, é bem estreita, porque os alunos dessa escola, né? Eles são muito carinhosos, né? Aqueles que chegam pela manhã, bom dia, bom dia, bom dia, sabe? Vê você mais séria, vai perguntar o que tá acontecendo e aí eles ficam mais, sei lá, a vontade pra procurar, falar. Às vezes é o material que eles precisam, às vezes é uma queixa de um colega, mostrar o trabalho que eles fazem. [...] O que eles pedem, as necessidades deles, a escola tenta oferecer. Às vezes não é possível imediatamente, por questões de verba, mas tá ali anotado, tá aí, sabe? E logo que chega uma verba, a gente procura fazer. Eu, particularmente, não estou aqui há muito tempo, mas eu acho que essa escola tem muita preocupação em estar, sabe, oferecendo tudo de melhor para eles com relação a materiais, sabe? Para ampliar a possibilidade deles estudarem, deles realizarem as coisas, sabe? O aluno precisa fazer tal coisa, né? Eu precisava fazer isso aqui. A gente sempre tem alguma coisa para dar para ele, para ajudar naquilo, entendeu? Pede material. Material não falta, né? Sempre a gente tá dando material para eles. Alimentação, né? Também não falta. Às vezes eles vêm, já almoçou, quer de novo, né? Quer comer de novo, às vezes fica até mais tarde, fazendo algum trabalho, come, almoça [...] (Vice-diretora Aldaisa).

No que diz respeito a atuação da equipe da escola, é notável, mesmo durante o curto período de tempo em que fiquei lá, o quanto realmente existe essa preocupação com os alunos. Agora, sobre a burocracia envolvida nos processos do governo, a vice-diretora comenta:

Agora, quando depende do governo, por exemplo, a gente tá com a reforma da quadra, que está já... Estou aqui há dois anos e meio, deve estar uns três anos e meio, quatro anos e meio já esperando, que já saiu mais ou menos a reforma. Já saiu a verba, já saiu tudo, tá tudo certo e a reforma tá lá. Tudo bem? É o que eu falei para você, né? Uns bons seis anos a gente fica aguardando aí as coisas acontecerem. Então, quem põe mesmo a mão na massa e faz as coisas acontecerem mais rapidamente, lógico, as coisas mais simples que, né, é quem tá trabalhando aqui dentro. É a equipe escolar que faz as coisas assim (Vice-diretora Aldaisa).

Em relação à melhoria de infraestrutura e espaços físicos na escola, a situação fica mais complicada, pois a escola não tem espaço. A escola possui dez salas e a sala de reuniões apenas existe porque a diretora dividiu o refeitório e construiu uma sala de reuniões. Luciana comenta sobre:

[...] uma sala de reuniões que eu construí ali pegando o refeitório, dividi o refeitório na metade e construí uma sala de reuniões. E ainda com medo, assim, de não responder isso lá, mas... Porque a gente precisa pedir autorização para a FDE. Mas aí a SEDUC veio aqui, por outros motivos, e viu a sala junto com a diretoria de ensino, e deu aval e a sala ficou autorizada para ser uma sala de reuniões (Diretora Luciana).

Sobre a construção de novos espaços, a vice-diretora Aldaisa diz:

Então, a gente faz a solicitação, né? Vê a necessidade, justifica isso, mas a gente tem que entrar numa fila, tem que ter um engenheiro que venha ver a possibilidade, porque a escola aqui é muito pequena, então não dá pra você vir pegar e falar assim: “ah, eu vou pegar uma sala de aula e vou transformar numa sala multimídia”. Você precisa que construam o espaço, então você precisa que venha um engenheiro, faça um laudo. Mas aí você já entrou numa fila, porque são várias escolas que fazem esse pedido no estado todo. Aí ele vai vir, ele vai colocar o seu laudo na fila também, então vai demorar. Aí quando o laudo ficar pronto, aí ele apresenta, mas aí você vai entrar na fila de novo pra ter...processo de construção, aí depois de alguns seis anos por aí, chega aqui no seu pedido. (Vice-diretora Aldaisa)

Percebe-se que a aquisição desses espaços envolve uma burocracia muito grande e os processos são lentos, então, no caso do(a) professor(a) de Arte, não dá para esperar que esse espaço específico para as aulas seja construído. Antes disso, é necessário sair da zona de conforto e agir com criatividade para uma experiência melhor de ensino e aprendizagem.

Chamou-me a atenção um trecho da tese de Moreira (2018), na qual a autora diz que “explorar a escola e realizar o processo de ensino e aprendizagem em diferentes lugares da escola é apropriar-se dele” (Moreira, 2018, p. 103). Ela também diz:

Muitas vezes o professor demonstra insegurança em sair da sala e não conseguir manter a disciplina, porém, ao longo desses três anos, observamos professores no pátio, na quadra, na sala de leitura, na sala de informática, ainda que precárias, buscando alternativas para enriquecer suas aulas e avançar nos processos de ensino e aprendizagem (ibidem, p.103-104).

#### **4.2.4.2 Satisfação com as aulas, tempo de aula, relação discente-docente, aprendizagem e música nas aulas de artes**

Ao serem questionados sobre o porquê gostavam ou não da aula de Arte, o Grupo 1 diz: "Gostamos porque tem várias coisas diferentes e que a gente nunca viu, e não gostamos porque nunca dá tempo de terminar o que começamos" (Anny). O Grupo 2 comenta: "[Poderia melhorar] trazendo coisas novas, tipo pintura" (Carlos). Já o Grupo 4 vai dizer: "Podia passar mais pinturas, 'a noite estrelada' do Van Gogh. Gostaria que a professora deixasse a gente criar uma pintura com tinta, pra gente fazer uma coisa diferente e podia ensinar mais sobre música" (Thayla).

A fala do Grupo 1 sobre o ponto negativo é real e eu senti na própria pele realizando esta pesquisa. A escassez de tempo para realizar o conteúdo programado é nítido, o que eu pensei que daria para fazer em quatro aulas com sobra, acabou precisando de uma aula a mais e a composição não foi finalizada (a junção das partes). Claro que o(a) professor(a) efetivo tem o ano todo para se programar, porém as exigências da BNCC de uma polivalência dificultam o trabalho do profissional, tendo que, por muitas vezes, parar algo que estava passando para "bater o ponto" no conteúdo de outra área artística - quando não é pego pelas festas da escola. Sobre essa dificuldade, Azevedo Filho, Sousa e Maciel observam:

Destinar uma quantidade insuficiente de tempo para a realização das aulas de arte não simplesmente dificulta o contato com os elementos inerentes a esta área. Na prática, essa destinação mínima de tempo impossibilita concretamente o desempenho de educandos e educadores, que diante da limitação de 50 minutos, somando isso às restrições próprias da educação brasileira, como a inexistência de recursos materiais e a inadequação de espaços para apreciação e efetivação de práticas em linguagens artísticas, convertem o parco tempo de contato em nada muito além de intenções e objetivos, permeados pela tensão que o tempo impõe. Reservar à disciplina de Arte-educação as mínimas condições temporais é fadar a este campo de conhecimentos a mais pura e danosa mediocridade. (Azevedo Filho; Sousa; Maciel, 2016, p. 7)

O Grupo 3 foi o que mais demonstrou insatisfação com as aulas, sendo que uma das alunas comentou: "[...] Vemos bastante coisa, mas nada que faz diferença" (Nathaly). Aí percebemos a importância do diálogo entre docente-discente para quando algo não fizer sentido para o aluno, essa novidade seja apresentada como

uma nova porta de oportunidade e conhecimento, afinal, o saber é tão precioso quanto também é direito. Por outro lado, o docente também não deve excluir as experiências dos alunos e tratá-los como seres “não pensantes” ou como incapazes de ter experiências de vida válidas. Nesta perspectiva, Arroyo (1999, *apud* Hornick, 2012) menciona que devemos

[...] reconhecer e tratar crianças, adolescentes e jovens, inclusive adultos, educandos, como sujeitos sociais e culturais inseridos em rede múltiplas de conhecimento, socialização e cultura, que passam tempos cada vez mais longos na escola com diálogo e interação com os adultos e com seus pares e interage por meio de rituais, saberes, tempos e espaços educativos. (Arroyo, 1999, p. 158 *apud* Hornick, 2012, p. 71-72)

Em relação às experiências musicais dos alunos nas aulas, o Grupo 1 retrata:

Vimos sobre as notas musicais numa das primeiras aulas. A gente quase não faz coisa com música mais, a gente tá fazendo agora com você, mas antes a gente não fazia nada, só no início do ano...só com dança agora porque a gente tá ensaiando [para a festa junina]. [...] a gente não tem basicamente nada de música, só tá tendo agora o copo [prática da pesquisa]. É a única coisa que a gente tá tendo de música, tirando as lições na lousa [que tiveram no início do ano]. [...] É, lição, copiar, eu não prestava atenção mas a gente finge que presta, isso que teve (Stephany, Anny, Eduarda, Geovanna).

Como disse acima, o tempo é escasso e, por vezes, não há tempo hábil para realizar os conteúdos programados inicialmente. Sobre isso, uma das alunas do Grupo 1 diz: “gostaríamos que a aula de artes fosse mais longa” (Anny). A área específica da professora atuante é Artes Visuais, assim, o que ela havia programado eram os conteúdos sobre Realismo, paisagem e confecção de bailarinas de papel e, segundo relatado pela aluna Stephany, não deu tempo de terminar todas as atividades.

Agora, é esperado que seja complicado buscar algo fora da sua área de atuação e conseguir ensinar os alunos, com propriedade, sobre determinado assunto. Realmente é muito difícil. Não à toa os conteúdos dentro da matéria de arte, infelizmente, acabam por ser abordados superficialmente, indicando mais um problema relacionado à polivalência nas artes.

### **4.3 Práticas pedagógico-musicais**

Neste subcapítulo apresento as práticas e dinâmicas pedagógico-musicais que realizei em conjunto com os alunos da E. E. Horácio Quaglio, e sugiro outras práticas com base em outros autores. Com isso, espero poder auxiliar os professores de Arte trazendo possibilidades para o enfrentamento da barreira que a falta de infraestrutura adequada pode se tornar.

#### **4.3.1 Jogos de apresentação/introdução**

##### **Flecha percussiva**

Esse jogo consiste em dizer o próprio nome e jogar a flecha para outra pessoa realizando alguma percussão corporal antes. Essa percussão pode ser feita com qualquer parte do corpo (cabeça, rosto, boca, ombro, barriga, costas, mãos, coxas, pés, etc) , sem limites criativos. Não é necessário estar enquadrado em algum ritmo específico, porém o(a) professor(a) pode acrescentar posteriormente, se quiser.

##### **Flecha de comida**

Segue o mesmo princípio da flecha percussiva, porém agora com nomes de comidas. Não precisa ser feita apenas com palavras únicas, pode ser o nome de um prato ou algum tipo de comida, como “macarrão com salsicha”, “doce de leite” ou “comida tailandesa”, por exemplo. O critério para essa dinâmica é que a percussão tem que se igualar à quantidade de sílabas da comida escolhida.

#### **4.3.2 Composição em grupo**

Uma das atividades musicais que acho mais interessante de fazer com os alunos é a composição musical em grupo, pois, além de provocar o lado criativo dos alunos, também envolve trabalho em equipe, compreensão e sensibilização com as ideias sugeridas.

No artigo escrito por Visnadi e Beineke (2017), as crianças, ao serem questionadas sobre o que faz uma composição ser “boa”, comentam a importância da amizade e da conexão que a composição faz entre todos os que estão envolvidos na ação, inclusive espectadores. Visnadi e Beineke relatam que

A amizade entre os parceiros foi citada pelas crianças como parte constituinte da composição. Elas consideraram que a confiança e o respeito entre os integrantes do grupo são indispensáveis para que a composição fique “boa” (Visnadi; Beineke, 2017, p. 77).

Além de tudo, a composição tem significação pessoal atribuída ao trabalho devido a ser de própria autoria do grupo e os alunos realmente tomam parte ativa no processo de ensino-aprendizagem. A respeito disso, Swanwick (1979, apud Visnadi; Beineke, 2017) vai dizer:

Qualquer que seja a forma que ela tome, o principal valor da composição na educação musical não é produzir mais compositores, mas sim, pelos insights que podem ser obtidos a partir dela, levar o aluno a relacionar-se com música de uma maneira particular e muito direta. (Swanwick, 1979, p. 43 apud Visnadi; Beineke, 2017, p. 72 )

### **1º tema - refeições diárias**

Para a primeira parte da composição musical dos alunos, solicite que criem uma melodia com o tema “refeições diárias”, nessa composição eles tem que incluir ritmos que vão de acordo com as palavras relacionadas à comida no decorrer da composição. Por exemplo, “cho-co-la-te, pão” poderia se tornar em 4 figuras de semicolcheia e uma colcheia ou semínima.

### **2º tema - Paisagem sonora**

Sensibilização;

- Começar buscando diferentes formas de fazer som com um único objeto (pegar 1 objeto e procurar 3 sons diferentes nele);

- Leve os alunos para ouvirem o som de cada parte da escola e peça para anotarem o que escutam.

Diga que é a segunda parte da música: eles fizeram a parte da comida e agora saíram para algum lugar (feira, padaria, floresta, parque, cachoeira, praia, shopping, andando pela rua, trânsito no carro etc.).

Lembrando da atividade que fizeram de buscar os sons pela escola, reproduzir o som do ambiente que eles pensaram para a paisagem sonora da composição utilizando apenas sons que possam fazer com o próprio corpo, voz e objetos disponíveis (pode ser partes da escola também - chão, parede, mesa).

### **3º tema - apenas percussão**

Apresente para os alunos as seguintes células rítmicas: semínima, colcheias e semicolcheias. Desenhe na lousa e demonstre cada ritmo apontando para ele, assim eles já vão associando a escuta com a visão.

Depois disso, divida a sala em dois grupos e faça uma brincadeira de apontar os ritmos. Faça por eliminação - quem for errando o ritmo está eliminado - e prossiga até sobrar apenas um integrante de cada grupo. O último a ficar é o ganhador. Se quiser aumentar o tempo da brincadeira para que os alunos fiquem mais confortáveis com os ritmos, faça por *rounds ou rodadas*. Se o grupo A ganhar a 1ª rodada, fica 1x0, por exemplo. Faça isso até que algum "time" consiga 3 *rounds*.

Se os alunos já estiverem confortáveis com a dinâmica, volte para os grupos e fale para eles montarem algo com os ritmos que foram usados na brincadeira - é necessário que os três ritmos sejam utilizados.

### **4.3.3 Jogo de copos**

Para o último encontro, já aceitando que não teria tempo hábil para finalizar e gravar a composição completa, decidi fazer um jogo com os alunos para não pressioná-los

com o tempo que tinha restante e transformar uma experiência que deveria ser agradável em algo que eles nunca mais quisessem sequer ouvir falar.

O jogo funciona da seguinte maneira: em uma grande roda, apresente o jogo com copos de sua preferência - aqui foi utilizado o do “Fome Come”, do duo Palavra Cantada. Assim que todos entenderem, comece o "modo eliminatório", em que quem errar sai, até sobrar apenas um participante. Comece com o andamento (tempo da música) devagar e depois vá acelerando. Ao fim da brincadeira, se der tempo, separe os alunos em grupo e peça para cada um criar sua música com copos e depois apresentar para todo mundo. Caso queiram, os alunos podem adicionar também os instrumentos (objetos, instrumentos não convencionais feitos à mão ou instrumentos disponíveis para uso).

Caso perceba que os alunos estão tendo dificuldade para realizar o “modo eliminatório”, apenas coloque a música “Fome Come” (ou outra que vá de acordo com sua brincadeira de copos) e fique reproduzindo junto com a sala. O importante dessa dinâmica é que os alunos compreendam que um objeto pode ser um instrumento também. Após essa performance em sala, se quiser, passe para a fase da criação de brincadeiras de copos descrita no parágrafo anterior.

#### **4.3.4 A importância da percussão corporal**

Como ficou evidente nesta pesquisa, eu creio que a percussão corporal é algo fundamental para os professores de educação musical, tanto por sua praticidade em contextos como o da rede de ensino público onde, por muitas vezes, não há uma infraestrutura adequada para a realização das aulas, mas também pela sua expressividade nata, pois é seu próprio corpo em movimento.

Há várias pesquisas que tratam de corpo e movimento, mas não vou mencioná-las aqui para não perdermos o foco. Porém, é indiscutível o quanto nosso corpo é uma ferramenta potente de expressão e o quanto o uso dele destrava até bloqueios psicológicos. Eu, por experiência própria, passei por isso.

Como instrumentista de música de concerto, sempre fui muito tímida e travada, tanto pela minha personalidade quanto pelas cobranças desse “mundo erudito”. Cheguei no conservatório de música com 15 anos e já estava, segundo os professores, atrasada na minha prática instrumental. Após fazer uma matéria de percussão popular nesse mesmo conservatório e ser obrigada a utilizar mais meu corpo devido à própria essência das expressões artísticas populares, minha prática no violoncelo evoluiu.

Portanto, é importante mencionar a potência que a prática da percussão corporal tem em qualquer contexto no qual é utilizada, afinal é o próprio corpo como meio de nossa expressão artística que nos é intrínseca. Muitas vezes é mencionada apenas como válvula de escape, porém a prática da percussão corporal tem valor em si mesma e pode ser utilizada nas escolas tendo ou não condições de infraestrutura. Não me prolonguei nessa discussão para que o foco da pesquisa fosse mantido.

Sobre a relação entre música, mente e corpo, Goes (2015) vai dizer:

[...] tanto na música quanto fora dela, mente e corpo não necessitam ser forçadamente integrados, uma vez que natural e biologicamente eles nunca funcionariam separados. Assim, faz-se necessária a solidificação consciente deste fato no ambiente musical, para que se torne possível a consciência intrínseca de que, para que exista música, é preciso haver uma conexão intensa e orgânica com o corpo, e que, dessa forma, claramente, tudo em música é musicorporal. (Goes, 2015, p. 90)

Apesar de não ter feito uma atividade apenas com percussão corporal, ela esteve presente em todos os encontros como opção para a composição musical dos alunos. Para demonstrar o que poderiam fazer utilizando o corpo, apresentei possibilidades de sons com as mãos (palma aberta, palma fechada, palma em concha, com 5, 4, 3, 2 e 1 dedo), possibilidades de sons com o tronco e partes inferiores do corpo.

Como possibilidade de prática com percussão corporal e voz, trago uma sugestão presente no artigo de Queiroz e Marinho (2009, p. 67).

## Abre a Roda

Compositor desconhecido

Voz

Oi a - brea ro - daes - quin - dô lê lê oi a - brea

Mãos  
Estalo  
Peito

D E D E DE D E D E DE D E D E DE

D = mão direita  
E = mão esquerda

ro - daes - quin - dô lá lá oi a - brea ro - daes - quin dô lê

D E D E DE D E D E DE D E D E DE

lê esquín-dô lê lê esquín-dô lá lá.

1. 2.Fim

D E D E DE D E D E DE D E D E DE D

Realizar a atividade em roda, mas com os participantes parados.

A percussão deve ser executada de acordo com as seguintes especificações:

- Mãos: com as mãos espalmadas, bater a mão direita na mão do colega da direita e a mão esquerda na mão do colega da esquerda;
- Estalo: estalar os dedos de uma das mãos, conforme indicado na partitura;
- Peito: bater uma das mãos no peito, conforme as indicações da partitura, buscando uma sonoridade grave.

Sugestão de prática com percussão corporal e voz. Queiroz e Marinho (2019, p. 67)

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após ter finalizado esta pesquisa, cheguei a conclusão de que a educação básica, principalmente na rede de ensino público, requer mais atenção. No que diz respeito à matéria específica de Artes, o tempo é escasso e parece que muitas escolas não contam com infraestrutura adequada para um ambiente agradável de ensino-aprendizagem.

A luta tanto dos professores quanto da gestão escolar requer apoio da comunidade na qual está inserida, principalmente através de participação ativa na Associação de Pais e Mestres para que, apesar das dificuldades enfrentadas - especialmente com burocracia - a escola ofereça um ensino de qualidade, no sentido de acolher o aluno e tornar o processo de aprendizagem significativo e eficiente.

É importante também que os professores saiam da zona de conforto e sejam criativos em suas aulas para, assim, envolver o aluno. É importante haver diálogo entre docente-discente e direção-aluno e, principalmente, não invalidar a capacidade do aluno de pensar em melhorias para a escola. Antes disso, é necessário que eles sejam ouvidos e tenham a liberdade de expressar suas ideias, pois elas são, sim, válidas

Para encerrar a pesquisa, deixo aqui uma citação de Moreira (2018) que sintetiza muito bem os fatores que estão fora do controle da escola e o envolvimento necessário dos agentes presentes na educação para uma transformação positiva do ambiente educacional:

É preciso ressaltar que as mudanças dentro da escola, ainda que pareçam pequenas, podem ecoar em movimentos de transformações maiores, pois embora as escolas públicas tenham certa autonomia, questões estruturais, relativas ao sistema educacional, como o tempo escolar dividido em hora/aula, tempo por disciplinas, jornada de trabalho dos profissionais, contratação de professores, remuneração e plano de carreira, atribuições de salas, valor da verba escolar são assuntos que não competem diretamente à unidade escolar e que afetam diretamente o cotidiano. São temas que precisam também estar nas pautas de discussões e mobilizações dos professores e gestores enquanto se discute projetos e didáticas, ou nos veremos sempre em um barco à deriva, cada qual remando para um lado, ou deixando de remar porque não vale o esforço (Moreira, 2018, p. 33).

## REFERÊNCIAS

- ALDERSON, P.. As crianças como pesquisadoras: os efeitos dos direitos de participação sobre a metodologia de pesquisa. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 91, p. 419–442, maio 2005. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-73302005000200007>>. Acesso em: 27 ago. 2023.
- ARAÚJO, C. G.; REBOLO, F. Quando a Arte é a base para uma Educação Inovadora: um estudo de caso. *Ensino Em Perspectivas*, Fortaleza, v. 02 n. 02, p. 1-22, mar. 2021. Disponível em: <<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/4779>>. Acesso em: 10 jan. 2024.
- AZEVEDO FILHO, C. A. de O; SOUSA, A. C. B de; MACIEL, P. H. F. 50 Minutos de Tensão: Tempo Destinado À Aula De Artes No Ensino Médio Como Indicador de Trabalho Precário. *Anais Da VII Jornada Regional De Estudos e Pesquisas em Antonio Gramsci*. Fortaleza, p. 01-11, nov. 2016. Disponível em: <<http://www.ggramsci.faced.ufc.br/anais-i-gt2>>. Acesso em: 30 jan. 2024.
- CHAPPAZ, R. de O. *Política de avaliação educacional, seus contornos e suas características: problematizações e contribuições no contexto da Educação Básica*. Tese (Doutorado em Estado, Sociedade e Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.
- CRUZ, T. O. da. Aula de música na escola agora é lei: uma visão pedagógico-jurídica do ensino de música a partir da aplicação da Lei 11.769/08. *Anais do XII Encontro Regional Nordeste da ABEM - Educação musical: formação humana, ética e produção de conhecimento*, São Luís, p. 01-09, out. 2014. Disponível em: <[http://abemeducacaomusical.com.br/anais\\_ernd/v1/papers/614/public/614-2582-1-PB.pdf](http://abemeducacaomusical.com.br/anais_ernd/v1/papers/614/public/614-2582-1-PB.pdf)>. Acesso em: 14 jan. 2024.
- GOES A. A. Corpo percussivo e som em movimento: a prática da música corporal. *OPUS*, [s.l.], v. 21, n. 1, p. 89-100, maio 2015. Disponível em: <<https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/54>>. Acesso em: 31 jan. 2024.
- HORNICK, C. A. *Identificação e Análise dos Possíveis Fatores que Influenciaram os Resultados Elevados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) Apresentado por duas Escolas Públicas*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE, Universidade do Vale do Itajaí, Santa Catarina, 2012.
- LAVILLE, C.; DIONNE, J. *A Construção do Saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- MARTINS, H. H. T. S. Metodologia qualitativa de pesquisa. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289-300, maio/ago. 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/4jbGxKMDjKq79VqwQ6t6Ppp/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 05 de agosto de 2023

- MELLO, J. C. B. de. Fatores que afetam o trabalho dos professores de música na educação básica. *Anais do XXIII Congresso Nacional da ABEM - Diversidade humana, responsabilidade social e currículos: interações na educação musical*, Manaus, p. 01-13, out. 2017. Disponível em: <[http://abemeducacaomusical.com.br/anais\\_congresso/v2/papers/2567/public/2567-9493-1-PB.pdf](http://abemeducacaomusical.com.br/anais_congresso/v2/papers/2567/public/2567-9493-1-PB.pdf)>. Acesso em: 23 jan. 2024.
- MELLO, J.; REBOLO, F. As Condições de Trabalho do Professor de Música na Educação Básica: bem-estar ou mal-estar docente? *Anais Do Seminário Formação Docente: Intersecção Entre Universidade e Escola*, Mato Grosso do Sul, 5 (05), p. 01-11, ago. 2023. Disponível em: <<https://anaisonline.uems.br/index.php/seminarioformacaodocente/article/view/8848>>. Acesso em: 23 jan. 2024.
- MENDONÇA, I.; GOMES, M. Grupo Focal como Técnica de Investigação Qualitativa na Pesquisa em Educação. *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto, 5º Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa, v. 01, p. 429-438, julho. 2016. Disponível em: <<https://ludomedia.org/publicacoes/livro-de-atas-ciaiq2016-vol-1-educacion/>>. Acesso em: 27 de agosto de 2023.
- MOREIRA, C. M. da S. *De corredor a jardim: um olhar do professor de arte para os processos coletivos no espaço/lugar escolar*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.
- MUNIZ, H. W. A. *O ensino de música na educação básica: uma análise da implementação da Lei Federal nº 11.769/2008 na rede estadual de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2017.
- QUEIROZ, L. R. S.; MARINHO, V. M. Práticas para o ensino da música nas escolas de educação básica. *Música Na Educação Básica*, Porto Alegre, v. 1 n. 1, p. 60-75, out. 2009. Disponível em: <<https://revistameb.abem.mus.br/meb/article/view/114>>. Acesso em: 25 maio 2021.
- SÁ, J. dos S.; WERLE, F. O. C.. Infraestrutura escolar e espaço físico em educação: o estado da arte. *Cadernos de Pesquisa*, v. 47, n. 164, p. 386–413, abr. 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/198053143735>>. Acesso em: 13 out. 2023.
- SOUSA, N. C. P. de; HUNGER, D. A. C. F.; CARAMASCHI, S. O ensino da dança na escola na ótica dos professores de Educação Física e de Arte. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 505–520, jul/set. 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-55092014000300505>>. Acesso em: 10 jan. 2024.
- SOUSA, N. C. P. de; HUNGER, D. A. C. F. Ensino da dança na escola: enfrentamentos e barreiras a transpor. *Educación Física y Ciencia*, La Plata, v. 21, n. 01, p. 01-19, jan/mar. 2019. Disponível em:

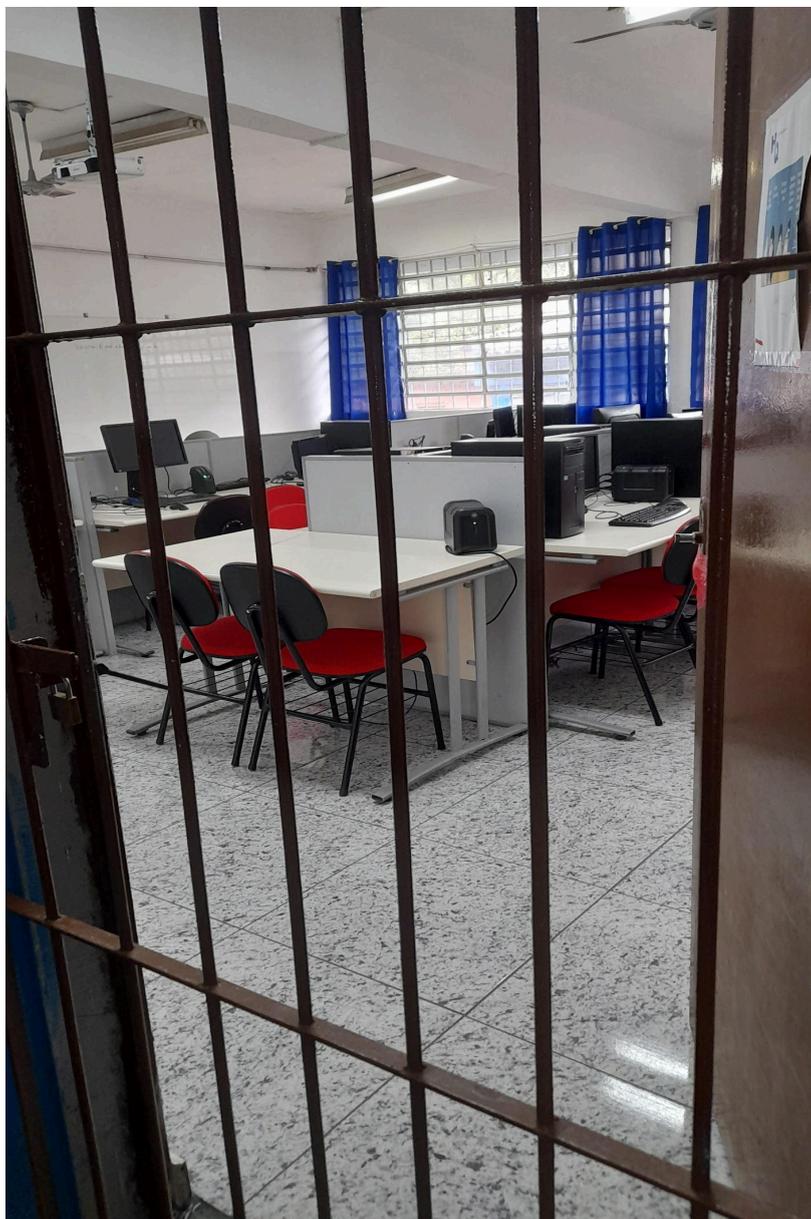
<<https://efyc.fahce.unlp.edu.ar/article/view/EFyCe070/10686>>. Acesso em: 14 jan. 2024.

VASCONCELOS, J. C. et al.. Infraestrutura escolar e investimentos públicos em Educação no Brasil: a importância para o desempenho educacional. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 113, p. 874–898, out. 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-40362020002802245>>. Acesso em: 13 out. 2023.

VISNADI, G. F.; BEINEKE, V. "De amizade, letras e ritmos": ideias das crianças sobre a composição musical na escola básica. *Revista da ABEM*, Londrina, v. 24, n. 36, p. 71-84, jan/jun 2016. Disponível em: <<https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/603>>. Acesso em 30 jan. 2024.

## APÊNDICE A - Imagens da escola Horácio Quaglio

**Figura 1** - Sala de informática.



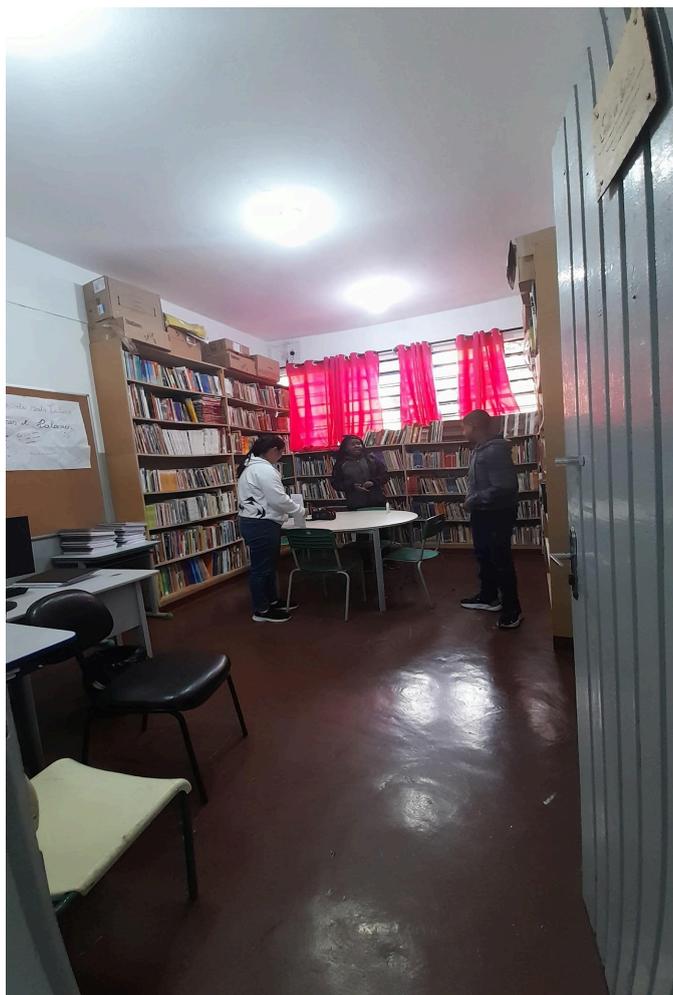
Fonte: Acervo pessoal.

**Figura 2 - Pátio/refeitório.**



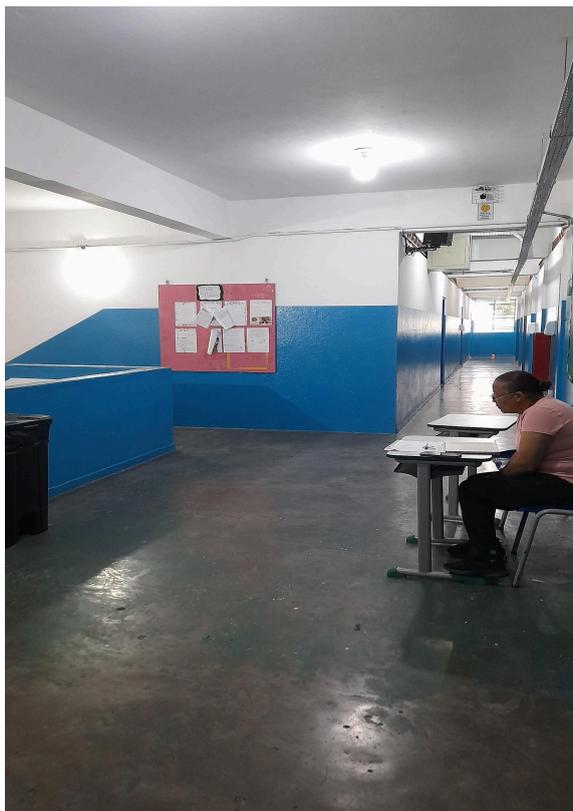
Fonte: Acervo pessoal.

**Figura 3 - Sala de leitura.**



Fonte: Acervo pessoal.

**Figura 4** - Salas do primeiro andar.



Fonte: Acervo pessoal.

**Figura 5** - Salas do andar térreo.



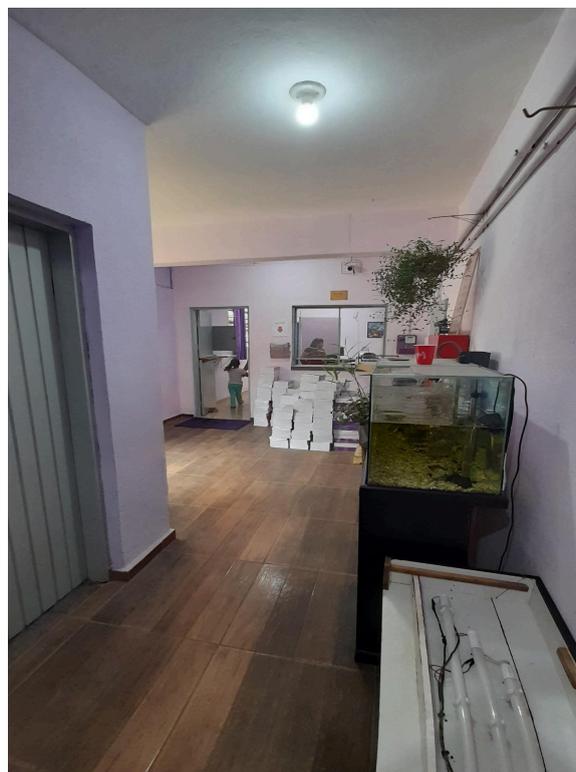
Fonte: Acervo pessoal.

**Figura 6 - Sala dos professores.**



Fonte: Acervo pessoal.

**Figura 7 - Salas da secretaria.**



Fonte: Acervo pessoal.

**Figura 8** - Quadra poliesportiva coberta e área externa.



Fonte: Acervo pessoal.

## APÊNDICE B - Transcrições das entrevistas<sup>4</sup>

### Grupo Focal

#### Grupo 1

*Por que vocês gostam (ou não) da aula de artes?*

“Gostamos porque tem várias coisas diferentes e que a gente nunca viu e não gostamos porque nunca dá tempo de terminar o que começamos”; “Gostaríamos que a aula de artes fosse mais longa”

*Quais são os tipos de atividades que vocês fazem?*

“Vimos sobre as notas musicais numa das primeiras aulas e depois a gente viu realismo, paisagem, fizemos bailarinas de papel também. Dependendo da atividade a gente termina

*Então vocês já tiveram contato com música nas aulas de artes, certo? Em quantas aulas? Apenas uma?*

“Sim. Não, foram nas primeiras aulas.”

*Já tinham visto as figuras musicais que eu apresentei?*

“Não lembramos, faz muito tempo”

*O que vocês pensam sobre os conteúdos que são passados nas aulas de artes?*

Gostamos, acho interessante (Anny); “eu não entendo nada, balanço a cabeça fingindo que entendi mas não entendo nada”

---

<sup>4</sup> As transcrições das entrevistas da vice-diretora Aldaisa e da diretora Luciana foram realizadas através de softwares online de transcrição de áudio, sendo assim, podem haver alguns erros ou ficarem um pouco confusos em algum trecho pois apenas fui arrumando o que era mais pertinente para a pesquisa.

*E como vocês fazem quando não entendem nada?*

“Ah, eu vou pegando as partes que são mais importantes, faço o desenho e tá certo!” “Quando eu não entendo, eu pergunto pra professora ou faço do jeito que eu acho que é pra fazer” (Stephany)

*Na opinião de vocês, como a escola poderia ajudar a melhorar as aulas de artes?*

“Fazer mais coisas com tinta. [...] Nunca mexemos com tinta, a professora disse que ia trazer mas faltou cor. [...] A professora que traz [a tinta]”

*Vocês acham que a escola oferece os materiais pras aulas de artes?*

“Às vezes não tem” “às vezes dá, só que ela falou que ela tem que comprar a tinta”  
 “Os materiais não prestam, os lápis não dá pra escrever direito e não dá pra fazer nada”

*Oferece caderno pautado ou alguns instrumentos de música?*

“Não, não oferece nada” “a gente quase não faz coisa com música mais, a gente tá fazendo agora com você mas antes a gente não fazia nada, só no início do ano, só com dança agora pq a gente tá ensaiando [para a festa junina]”

*Como vocês gostariam que fosse a infraestrutura da escola para essas aulas?*

“Acho que podia ter tinta, caderno musical, instrumento musical porque a gente não tem basicamente nada de música, só tá tendo agora o copo, é a única coisa que a gente ta tendo de música, tirando as lições na lousa

*Quando teve música foram só lições na lousa, teoria?*

“É, lição, copiar, eu não prestava atenção mas a gente finge que presta, isso que teve”

*Na opinião de vocês, o que os estudantes podem fazer para contribuir com essa melhoria?*

“Ajudar com os materiais”

—

“Pra mim o importante é comer e ir embora” (áudio “entrevista Grupo 1” - 23 de junho - 9:20min)

### **Grupo 2**

*Como a escola poderia melhorar as aulas de artes?*

“Trazendo coisas novas, tipo pintura

*Vocês acham que a escola oferece os materiais pras aulas de artes?*

“Não, só lápis de cor” e vocês gostam? “não, é mó ruim professora, quebra tudo”, quebra a ponta, você vai apontar e já era? “é”

*Como vocês gostariam que fosse a infraestrutura da escola para essas aulas?*

“Uma sala só de música q tenha instrumentos”

*Na opinião de vocês, o que os estudantes podem fazer para contribuir com essa melhoria?*

“Reclamar na diretoria” “uma sala separada para cada matéria, instrumento, sala de artes, tinta, que tenha cartolina, essas coisas”

### **Grupo 3**

*O que vocês acham da aula de artes?*

“Bom de vez em quando, porque tem vezes q tem atividade chata também e tem à vezes que ela briga muito”

*Por que vcs acham que isso acontece?*

“ah, sla pq a gente bagunça” “um bagunça e todos levam a culpa”

*O que vocês aprendem na aula de artes?*

“Nada. Vemos bastante coisa mas nada que faz diferença.”

*Vocês já tiveram algum contato com música na aula de artes de vocês?*

“Já. Vimos notas musicais, conhecemos alguns instrumentos, violão, bateria, instrumentos de chocalho.”

*O que vocês pensam sobre esses conteúdos?*

“não é ruim, mas tbm n é bom, é tipo tanto faz”

*Como a escola poderia melhorar as aulas de artes?*

“pode melhorar aumentando o intervalo e tendo mais tomadas pra carregar o celular, e ter refrigerante e suco, pão com mortadela”

*O que vcs gostariam de aprender na aula de artes?*

“Podia ter instrumento, aula de canto, eu gosto de cantar, meu sonho é aprender piano”

*O que vocês acharam desses últimos encontros que nós tivemos?*

“muito bom, melhor que a aula de artes” “daora” “a gente podia ter recuperação com tu” alguma coisa poderia melhorar? “sim, você ficar com nós”

**Grupo 4**

*Pq vcs não gostam? 1'46*

“porque ela fica gritando, ela desconta o mal humor na gente,[...]”

*O q vcs aprendem na aula?*

Agora nada demais pq ela só sabe ensaiar [para a festa junina].

*Viram música na aula de artes?*

Só colocou música na aula [de quadrilha]

*O que poderia melhorar?*

“Podia passar mais pinturas, ‘a noite estrelada’ do Van Gogh”

“teve um menino que levou um prato de comida pra debaixo da carteira, aí todo mundo ficou rindo” 5'58

Gostaria que a professora deixasse a gente criar uma pintura com tinta, pra gente fazer uma coisa diferente e podia ensinar mais sobre música

*Como vocês gostariam que fosse a infraestrutura da escola para essas aulas?*

Poderia ter instrumento, violão principalmente

**Entrevista com a vice-diretora Aldaisa Alexandre Dias Júlio - Horácio Quaglio**

[00:02 - 00:18] - Começando. Agradeço a sua disponibilidade, a sua colaboração aqui na pesquisa, os dias que eu vim aqui. Obrigada pelo espaço cedido da escola, por ter colaborado com tudo. Agradeço bastante

[00:18 - 00:39] pela colaboração

- Imagina, gostaria até de ter dado mais atenção, mas é uma corrida, de lá pra cá, aquela loucura então.

- Não, mas foi muito bom a colaboração de vocês, toda vez que eu vim aqui você ajudava, procurava ver

[00:39 - 01:06] as coisas, de imediato assim.

- A gente gosta que venha coisas novas, propostas novas, a gente percebe que os alunos gostam, eles comentam pra gente, sabe? Às vezes tem uns que até demoram mais pra se envolver, mas no geral eles gostam e a gente fica feliz com isso.

[01:06 - 01:32] - Então, começando aqui, a primeira pergunta é, como vice-diretora, qual a sua função, burocraticamente falando, dentro da escola?

- Olha, a princípio, a minha função, ela é voltada ao pedagógico, de apoio à coordenação, aos professores, aos alunos, mas no sentido pedagógico mesmo.

[01:32 - 02:02] Viabilizar tudo o que for possível pra que as coisas fluam, mas o dia a dia nos chama a outras atividades, então o que for preciso a gente termina colaborando com outro, né? Mas, assim, a base é realmente pedagógica.

[02:03 - 02:36] - A segunda questão é, em relação às atividades da diretora, o que muda no que você faz assim, dentro da escola? Sabe dizer?

- É, o que muda é que a gente tá mais com a mão na massa, vamos dizer assim, né? Então, e ela vai mais na supervisão-não.

[02:36 - 03:04] - Você tá meio na ponte entre a coordenação e a direção fazendo essa...

- Exatamente, exatamente. Então, eu fiquei intervenindo ali como diretora, como gestora, né? E a gente sente isso, tem que ter a equipe toda pra todos os canais fluam, né?

[03:05 - 03:36] Mas a gente tá mais com a mão na massa.

- Entendi, tá bom. Então, deixa eu ver aqui. E qual a relação entre a vice-direção e os alunos?

- Ah, é bem estreita, porque os alunos dessa escola, né? Eles são muito carinhosos, né? Aqueles que chegam pela manhã, bom dia, bom dia, bom dia, sabe?

[03:36 - 03:59] Vê você mais séria, vai perguntar o que tá acontecendo e aí eles ficam mais, sei lá, a vontade pra procurar, falar. Às vezes é o material que eles precisam, às vezes é uma queixa de um colega, mostrar o trabalho que eles façam.

[04:01 - 04:17] Então, eu sinto assim...

- Então, é uma relação mais próxima mesmo?

- É, é mais próxima.

- Que legal. Então, a aquisição de verbas pra manutenção da escola passa por você?

[04:18 - 04:39] - Não, a decisão de usar é tomada pelo grupo, né? Coordenação. Lógico que a atriz é boa, mas ela nos consulta, pergunta o que a gente acha, até porque a gente tá com essa mão na massa, né?

[04:39 - 04:55] - Então, ela quer saber o que tá precisando, o que é viável, o que não é. Aí, a partir dessa conversa, vocês definem a quantidade de verba que precisa e encaminham. É isso?

[04:55 - 05:17] - Não, as verbas, elas vêm da escola. Aí, a partir dessa conversa, se decide o que é prioridade e que cabe nessa verba.

- Entendi. Essa verba, ela vem no início do ano, pro ano todo? Ou é um pouco no início e um pouco na metade?

[05:17 - 05:36] - Tem, assim, e desse ano, por exemplo, até agora não veio nada. Então, tem uma data pra ele ter. Tem o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, tem o plano direto, dinheiro direto nas escolas.

[05:36 - 06:04] - Vocês chegaram a fazer parte desse fundo? Chegou a novidade pra vocês?

- Sim, principalmente na época aí da pandemia, né? Foi disponibilizado pra todas, né? E aí, aqui, na escola, se decidiu o que fazer pra todas.

[06:05 - 06:23] - Entendi, tá bom. E foi a administração desse fundo, ele chegou certinho nos anos que estava previsto pra chegar? Ou também foi meio que nem esse ano, que às vezes chegava, ou outra vez não chegava? Ou todo ano era regular?

[06:23 - 06:45] Não, não, foi tudo certinho.

- Certinho, que bom. Então, queria perguntar também se a escola possui um gestor escolar encarregado somente da gestão da escola? Porque eu estava pesquisando justamente sobre essa coisa da verba, né? Se era distribuída igualmente entre as escolas, como funcionava, né?

[06:45 - 07:12] O governo do estado, como era essa distribuição. Se era um valor fixo para as escolas ou se era determinado pela necessidade de cada unidade específica, né? Aí eu achei um documento, várias notícias, na verdade, falando que a escola deveria ter esse gestor escolar e um administrador escolar, né?

[07:13 - 07:29] Que seriam pessoas específicas mesmo, não um cargo a mais pra coordenadora ou pra vice ou pra diretora. O que acaba acontecendo, geralmente, que eu percebo, é que a diretora ou a vice-diretora fica meio nessa função de gestora, de administração.

[07:29 - 07:45] E não tem uma pessoa específica pra isso. Aqui é assim também? É, né?

- É, mas é assim também. Eu acho que toda escola do estado é assim. A diretora realmente fica por conta dessas coisas.

[07:45 - 08:07] Aí eu falo assim, pra você, a questão pedagógica da escola, ela é muito bom na massa, né? A gente vai até lá, a gente viabiliza. Porque ela termina ficando com essas coisas mais, sei lá assim, meio burocráticas, né?

[08:08 - 08:31] E ela organiza bem em nome dela, então ela tem que acertar com a PM, conselho de escola pra poder fazer a retirada, a mobilização. Então é muita burocracia, na verdade, né? E aí é ela que termina tomando conta disso tudo.

[08:32 - 08:48] A diretora, a administradora e a gestora da escola ao mesmo tempo. E os vices aqui são dois, né? A gente ajuda, a gente é o apoio dela, né?

[08:51 - 09:13] Nosso apoio aqui tem que... tem jeito, um tem que ajudar o outro. Sim, pra acontecer, né? Pra fluir as coisas.

- Aí eu queria perguntar, quais são as dificuldades envolvidas na solicitação de um novo espaço, como uma sala específica pra aula de artes, por exemplo?

[09:21 - 09:49] Ah, então, essa semana que passou, uma aluna do grêmio veio me fazer essa pergunta. Então, a gente faz a solicitação, né? Vê a necessidade, justifica isso, mas a gente tem que entrar numa fila, tem que ter um engenheiro que venha ver a possibilidade

[09:50 - 10:12] Porque a escola aqui é muito pequena, então não dá pra você vir pegar e falar assim: “ah, eu vou pegar uma sala de aula e vou transformar numa sala multimídia”. Você precisa que construam o espaço, então você precisa que venha um engenheiro, faça um laudo.

[10:12 - 10:28] Mas aí você já entrou numa fila, porque são várias escolas que fazem esse pedido no estado todo. Aí ele vai vir, ele vai colocar o seu laudo na fila também, então vai demorar.

[10:29 - 10:50] Aí quando o laudo ficar pronto, aí ele apresenta, mas aí você vai entrar na fila de novo pra ter... Processo de construção. Processo de construção, aí depois de alguns seis anos por aí, chega aqui no seu pedido.

[10:51 - 11:19] - Nossa, e a escola tá nessa fila de espera pra uma nova sala de artes ou ainda tem que fazer esse trâmite de enviar proposta?

- Eu tô terminando aqui o plano de digitar, o plano quadrienal que a gente, toda a equipe fez, viu aí as necessidades, enfim.

[11:21 - 11:36] E a gente tá fazendo algumas solicitações, então se for acolhida, aí a gente entra numa fila.

- Entendi. Sim.

[11:38 - 11:54] Eu queria saber, ainda dentro dessa área, como foi o processo de obtenção da biblioteca, que você tinha me contado que antes não tinha. Aí ali era um depósito de material, uma dispensa, alguma coisa assim?

[11:55 - 12:27] - Eu não estava aqui na época, mas o que a própria diretora me disse é que era uma sala onde se guardavam coisas. E aí ela falou, poxa, vamos tentar mudar isso, então foi retirado tudo, limpou, sabe?

[12:28 - 12:49] E aí começaram a organizar essa biblioteca, você chegou a ir lá?

- Eu olhei, é pequenininha.

- É pequenininha, então se a gente for ver a capacidade mínima, mas ela é bastante utilizada, os alunos gostam,

[12:50 - 13:07] prestam livros, dão sugestões de novos livros pra gente adquirir, sabe?

- Legal.

- Então, até uma coisa que eu estou pedindo aqui é a ampliação da biblioteca.

[13:08 - 13:30] Entendi. Aí teria que quebrar, deixar maior?

- Eu acho que nesse caso teria que ser construído, não tem como você quebrar pra você aumentar uma sala no estado [nas escolas estaduais, devido a burocracia]. Você pode mudar ela, eu posso colocar aqui uma divisória, sabe? Mas eu não posso quebrar a parede. Uma coisa muito burocrática. Então a estrutura, a modificação do prédio é só com a autorização deles mesmo. Eles vindo fazer a obra.

- E aí vocês acham que seria possível fazer o mesmo que vocês fizeram pra biblioteca, fazer pra uma sala específica de artes?

- Não tem mais espaço, né?

[14:05 - 14:27] Não tem mais uma sala, ainda que pequena, pra fazer uma sala de artes. Nem laboratório, sabe? Que eu estou pensando assim, que eles, os alunos, cobram.

[14:27 - 14:43] Aqui não tem laboratório, não tem esse...não tem, não tem o que fazer.

- Aí no caso é só na questão de enviar o projeto e passar por todo esse processo da fila e tudo mais.

- É

- Tá.

[14:44 - 15:06] Então, o que vocês poderiam fazer, a coordenação, vice-diretora e diretora, em conjunto com os alunos pra ajudar nessa questão? Vocês acham que levantando um abaixo-assinado ou mesmo pedindo ajuda na construção de um projeto pra enviar, sabe, sugestões do que falar, do que escrever nesse projeto. Vocês acham que é possível fazer essa colaboração entre direção e os alunos pra ajudar nessa situação de aquisição de novos espaços pra escola?

[15:30 - 15:49] - Eu não sei, Vitória, porque o Estado tá mudando, né? Uma série de coisas, tá mudando essa coisa de metodologia, né?

[15:49 - 16:11] Criando uma plataforma, trabalhando um currículo único, né? Então, eu acho que dentro dessa linha, entraria. Entraria não, entra o laboratório, uma sala de mídia, uma sala de arte.

[16:12 - 16:28] Então, eu acho que aos poucos essas coisas começarão a ficar mais próximas da gente. Porque se você fizer a leitura desses novos documentos, dessas novas propostas aí,

[16:28 - 16:47] a gente vê que tudo isso entra. Então, eu acredito, mas não acho que a curto prazo que vai acontecer.

- Tem a lei de diretrizes e bases, né? O plano nacional, a PNE, a BNCC, que tudo relacionado a artes, eles colocam lá como se fosse o mundo ideal, assim, né? O melhor dos mundos, então teria aula de música, aula de dança, aula de artes visuais, aula de teatro. A gente vê que na prática não é a realidade das escolas do Estado, né?

[17:36 - 17:55] Então, no que tá escrito lá, inclusive, se eu não me engano, já tem que a escola deverá proporcionar esses espaços, mas o governo não dá verba suficiente pra isso ou a fila de espera é muito longa e os processos são lentos, né?

[17:55 - 18:13] Porque a gente sabe que quando entra nessa coisa burocrática tem uma demora muito grande de analisar tudo, né? Até ser aprovado, até fazer os processos de visita na escola, ver o espaço, e aí ver uma vistoria, não sei se provavelmente até dos bombeiros do prédio, de coisa do tipo, né? Então, a gente sabe que é tudo muito enrolado, assim, né? Mas, a gente sabe que teoricamente, já deveriam ter esses espaços, né? Mas acaba não tendo, por conta de todas essas questões, né? Você tem algo a falar sobre isso?

- O que eu diria a você...Eu estou há 41 anos na educação, e tô esperando. Né? E que eu estou esperando esses espaços. Né? Que é uma coisa bem lenta mesmo, né? E eu acho que as pessoas que trabalham, independente de ser... De ser professora, de ser da gestão, enfim...

[19:57 - 20:14] Faz um pouquinho pra essas coisas acontecerem, sabe? Todo mundo se junta e faz acontecer. Então, eu acho que nesse tempo todo aí, que eu tô na educação...

[20:15 - 20:34] No meu ponto de vista... É essa mão da massa que movimenta e que leva para os alunos com essa... Com essas necessárias, diferentes... Sim.

[20:36 - 20:51] Melhor calado. Sim. Então, a última questão é... Geralmente, as solicitações dos alunos envolvendo a melhoria no ambiente escolar... São atendidas, né? Há espaço para essa discussão com os alunos?

[20:53 - 21:14] Ah, em geral, sim. Em geral, sim. O que eles pedem, as necessidades deles, a escola tenta oferecer. Às vezes não é possível imediatamente, por questões de verba, mas tá ali anotado, tá aí, sabe?

[21:14 - 21:34] E logo que chega uma verba, a gente procura fazer. Eu, particularmente, não estou aqui há muito tempo, mas eu acho que essa escola tem

muita preocupação em estar, sabe? Oferecendo tudo de melhor para eles com relação a materiais, sabe?

[21:38 - 21:57] Para ampliar a possibilidade deles estudarem, deles realizarem as coisas, sabe? O aluno precisa fazer tal coisa, né? Eu precisava fazer isso aqui. A gente sempre tem alguma coisa para dar para ele, para ajudar naquilo, entendeu?

[21:59 - 22:19] Pede material. Material não falta, né? Sempre a gente tá dando material para eles. Alimentação, né? Também não falta. Às vezes eles vêm, já almoçou, quer de novo, né? Quer comer de novo, às vezes fica até mais tarde, fazendo algum trabalho, come, almoça, almoça.

[22:19 - 22:39] Pedi, almoça. Agora, quando depende do governo, por exemplo, a gente tá com a reforma da quadra, que está já... Estou aqui há dois anos e meio, deve estar uns três anos e meio, quatro anos e meio já esperando, que já saiu mais ou menos a reforma. Já saiu a verba, já saiu tudo, tá tudo certo e a reforma tá lá.

[22:40 - 22:58] Tudo bem? É o que eu falei para você, né? Uns bons seis anos a gente fica aguardando aí as coisas acontecerem. Então, quem põe mesmo a mão na massa e faz as coisas acontecerem mais rapidamente, lógico,

[22:58 - 23:18] as coisas mais simples que, né? É quem tá trabalhando aqui dentro. É a equipe escolar que faz as coisas assim. Tá bom. Então, agradeço pelo seu tempo, Isa.

### **Entrevista diretora Horácio Quaglio - Luciana**

00:00

Eu queria te agradecer pelo seu tempo, cedido pela entrevista. Antes de sair da conversou, eu estou fazendo a pesquisa pelo meu TCC, estou concluindo o lóquio de licenciatura em música, toco violoncelo, toco no Orquestra Sinfônica, em GDL. E eu tenho a pesquisa Criança e a Arte, Barreiras e Possibilidades, e Educação Musical, diante da infraestrutura escolar.

00:28

Então eu já vim aqui, fiz a pesquisa com as crianças, as atividades. Agora para encerrar eu queria conversar com vocês, a direção, para ter o lado de vocês também do porquê as coisas acontecem ou não. Questões burocráticas envolvidas em aquisição de material e coisas do tipo. Então eu tenho algumas perguntas e aí eu vou começar a fazer, tá bom? Tá bom, fica à vontade. Obrigada.

00:54

**Então a primeira é, quais são as questões burocráticas envolvidas na solicitação de novos materiais, espaços e manutenção da escola?**

Então, espaço, nós precisamos solicitar a FDE que chama, que é a Fundação de Desenvolvimento da Educação, que são eles que são responsáveis pela estrutura da escola. Então, primeiro seria isso.

01:25

Porque na nossa escola não tem espaço, falta de espaço. Nós temos só dez salas de aulas, uma sala de informática, uma mini biblioteca, uma sala de reuniões que eu construí ali pegando o refeitório, dividi o refeitório na metade e construí uma sala de reuniões.

01:50

E ainda com medo, assim, de não responder isso lá, mas... Porque a gente precisa pedir autorização para a FDE. Mas aí a SEDUC veio aqui, por outros motivos, e viu a sala junto com a diretoria de ensino, e deu aval e a sala ficou autorizada para ser uma sala de reuniões. Porque eles faziam reuniões aqui na sala de professores. Ao mesmo tempo que chegava o professor. Aí chegavam para comer, aí reunião, era um

02:20

conflito. Agora tem uma salinha só para isso lá embaixo, que também serve como sala de aula. Se precisar...é que a gente vai colocar equipamentos lá, não colocamos todos ainda, que é a lousa branca, mas já tem na escola, TV,

infraestrutura, mas a gente não recebeu verba para isso, então tem toda. Agora na questão, se tivéssemos espaço...

02:50

Não seria muito difícil criar um ambiente para o projeto de música. Porque foi até incentivado no programa que eles chamam de PDDE, que é o Programa Dinheiro Direto na Escola, que o governo manda para nós. E depois da gestão Dória, esses recursos foram...

03:20

aumentados, muito. Nós recebemos em torno de 15 mil por ano de verba federal. A gente recebe ainda. Para a manutenção da escola, para a compra de materiais, assim, era quase que impossível ter uma escola decente com isso aí. Com 15 mil por ano. Mas ele não [Dória]. Ele, com esse Programa Dinheiro Direto na Escola, por conta do COVID, ele mandou muita verba pra escola,

03:50

muita. Assim, 200, 300 mil a gente recebeu.

### **E esse valor se manteve fixo?**

Não, depende da forma que você usa. Se você deixar resquício, significa que você não precisou do dinheiro, então ele manda menos. Então o certo é você pegar o dinheiro e gastar ele todinho, para ele poder entender que você está precisando ainda do dinheiro.

04:19

Foi o que eu fiz. O primeiro ano que foi em 2020, foi o primeiro ano do Covid, né? Então ele mandou pra...

04:31

Ele mandou uma verba grande que ele chamou de PDDI Paulista pra manutenção do escola, pra compras de materiais, pra várias coisas desde que a gente fizesse também um plano de aplicação financeira, junto com a Associação de Pais e

Mestres que é a APM, e de acordo com os critérios dele também. Então ele dividiu lá tecnologia, manutenção, pedagógico...

04:59

E o que podia comprar e o que não podia comprar Então essa é muito autônoma, né? A gente tem uma certa autonomia mas tem essas restrições. Mas aí eu consegui fazer muita coisa, trocar esse piso que era a Zeta Flex tudo manchado, horrível

05:25

Essa sala aqui nem existia direito, aí eu consegui comprar as coisas, fazer a prateleira, mas eu fiz muita coisa. Essa reforma toda, se você viste antes ou depois dessa escola, é irreconhecível. Só não consegui fazer foi trocar, troquei os pisos de todas as salas de aula, não consegui trocar do corredor.

05:53

O do corredor ainda é cimento queimado. Por que? O dinheiro não ia sobrar dinheiro mesmo. Eu investi em outras coisas, né? Fizemos o plano de aplicação financeira para outras coisas. Recebemos dinheiro para kits de mídia. Todas as salas, você percebeu, né? Tem TV, tem computador... A gente recebeu verba específica para isso. Ele mandou dinheiro, ele mandou material para 7 salas.

06:24

Mas como eu queria todas as salas, eu comprei. Então todas as salas são iguais. A gente conseguiu...tecnologicamente, a escola é bem abastecida. Internet. Ele mandou banda larga para nós. Os alunos, né? Os alunos têm banda larga. Os professores não usam muito, mas... Porque diz que fica fraca se tiver todo mundo usando, eles usam mais as salas de informática. Mas tem

06:53

92 ou 72 com college book, o que que chama? É um notebook, aquele menor. Num carrinho que o professor pode levar pra sala de aula e cada aluno usa um. Só porque eles falam que... eu nunca vi ninguém levar. Que eles falam que internet não

vai dar certo. Não vi ninguém testando ainda, quem sabe agora nesse segundo semestre.

07:22

a gente dá uma incentivada para ver, porque a gente tem quatro profissionais de tecnologia também - Aqui na escola - Quatro profissionais de tecnologia para isso, para ajudar o professor nessa parte, para nos ajudar nessa parte. Tudo isso nesse governo, governo Dória aí. Então assim, se nós tivéssemos a sala, dentro desse recurso do PDD Paulista, nós podíamos ter feito

07:52

Um projeto de música sim. Se tivesse um profissional, que a gente não pode contratar ninguém. Mas, por exemplo, se tivesse você fazendo seu TCC aí, e quisesse vir dar algumas aulas, se a gente tivesse espaço, a gente poderia ter comprado material que fosse, que [você] quisesse ensinar. Tem um professor de artes, do noturno, que ele já me solicitou violão. Porque a escola tinha violão. Mas...

08:20

Quando eu cheguei não tinha violão nenhum, não é? As coisas somem, sabe? E aí ele toca violão e toca sax eu acho. Mais alguns instrumentos também, que ele é da igreja e toca alguns instrumentos. Aí eu pedi pra ele "Que violão?" Só que ele demorou muito. Falar que violão, que preço, não sei o quê. A gente tem que fazer pesquisa de preço.

08:48

Tem que ter orçamentos. Tudo isso são impedimentos pra gente fazer as coisas. Se você não tiver boa vontade, você não faz.

**Sim, porque qualquer coisa é muito burocrático pra realizar.**

É muito burocrático, é tudo muito burocrático. Mas eu não ligo não.

**Agindo rápido acontece até.**

Não. Você tem o trabalho. Você tem o trabalho. E é seu trabalho. É meu trabalho fazer isso. É o trabalho da APM,

09:18

da Associação de Pais e Mestres fazer isso, mas não adianta esperar que eles façam. Não adianta esperar que um pai que faz parte da APM vá fazer isso. Ele trabalha, ele não tem tempo. E ele vai achar que ele pode pegar esse dinheiro que vem e comprar qualquer coisa. Não é assim. E por exemplo, “ai, é caro para comprar de um tal fornecedor.”

09:45

Mas esse fornecedor tem uma nota, ele registrado certinho, ele pode vender aquilo. Ele vai me ajudar a construir orçamentos, porque normalmente as empresas dificultam um pouco essa questão do orçamento. Se você não for fazer o serviço com eles, eles não gostam muito do orçamento. Só quando é conhecido. Quando a gente está lidando com vários fornecedores ao mesmo tempo, que se conhecem.

10:13

Aí a gente consegue os orçamentos e consegue comprar. Mas se for uma pessoa que não tem experiência, ela fala assim: “ah não, isso é muito caro.” Porque você tem que pagar imposto, você tem que ter lucro, concorda? O fornecedor tem que pagar nota, 20% da nota, e tem que ganhar lucro. E não pode ser muito também estapolado do mercado. Mas se for um pai, ele vai falar assim: “não gente, vamos ali na 25 comprar.”

10:43

Mesmo que uma loja da 25 forneça um orçamento pra nós, ela não tem autorização pra vender pro Estado. Porque as empresas que tem, elas precisam de autorização pra vender produtos para o Estado. Entendeu? Então assim, até a gente aprender tudo isso...tem muita gente, tem muitas pessoas, eu conheci.

11:14

“Ah dá muito trabalho, é melhor devolver o dinheiro, melhor não gastar não” Eu não, quero saber não, devolver dinheiro? [sinal de não]

**É, ainda mais por essa questão, que se não usar diminui, entende que não precisa, e na verdade precisa sim.**

Precisa, às vezes não da tempo. Porque como ele mandou muita, ele mandou bastante. Mandou pra Covid pra gente comprar produtos de segurança, máscara, luva, álcool, pra colocar esse...

11:42

Essa proteção que eu coloquei aqui na secretaria que é o...é, esse acrílico de vidro. Ele mandou dinheiro para a verba para a dignidade íntima, preocupação com as meninas que não vem, eles fizeram uma pesquisa e descobriram que dependendo da semana as meninas faltam à escola. Foram pesquisar por quê? Porque elas estão na semana da menstruação e elas não têm recurso pra comprar

12:12

absorvente para vir para a escola. Então elas ficam com medo e ficam em casa. Então ele mandou dinheiro pra gente comprar. Isso também. Então a gente está acostumada de ver aqui “ah, eu preciso de um absorvente”. A gente dá, nós compramos lencinho umedecido. E também compramos um suportezinho de onde colocar o absorvente depois de usar.

12:41

Eu vim, conversei com todos as meninas, expliquei, mas conscientizei também que não era uma coisa livre, era pra quem tinha necessidade. Foi legal, tem até hoje. Elas vêm pegar, a gente dá o kitzinho e você fica feliz. Achei legal o governo enxergar isso, muito bom.

13:10

A gente gasta muito manutenção, a maior parte a gente gasta com manutenção. Mas ele manda também uma verba específica para manutenção.

13:21

Então nesse sentido, eu acho que não teria problema a gente ter projeto nenhum, que fosse de música, de dança. Eu sei de escolas que tem, salas que eles fizeram, aproveitaram aí uma verba que chamava de “mais educação”, que foi uma verba do governo federal. Lá em 2012, 2013, por aí, essa verba, o governo federal mandou pra escola. Era uma verba alta também.

13:50

e a gente podia ter oficinas, oficinas que a gente quisesse, de arte, de música, de balé, de luta, desde que a gente tivesse um voluntário e esse voluntário ainda recebia. Eu estava em outra escola, cheguei nessa outra escola, tinha lá mais de 200 mil parados nessa verba.

14:15

Porque todo mundo tava, “ah, é federal, a gente tem medo de mexer, melhor não mexer, melhor não mexer Porque dá muito trabalho, porque a gente tem que..”. Falei, gente...o trabalho... A gente reclamou tanto - eu tenho 30 anos de estado -, nesse tempo todo, de não ter dinheiro pra nada, às vezes nem pra uma caneta e agora que tem... Ah, eu comprei de tudo, contratei oficina...

14:45

Tinha uma professora de artes, ela deu aula de artesanato, de fazer essas caixinhas, que a minha está destruída aqui, mas não foi o que ela fez não. Desse tipo de caixinha, então os alunos iam na escola para aprender, depois ela ensinou mosaico. Eu fiz uma pracinha com esse dinheiro, fiz uma pracinha, um ambiente de estudo fora da sala de aula. Ela fez mosaicos assim na mesa.

15:15

Teve professor que fez jardinagem, horta...E recebeu uma graninha lá, pouquinha, mas...Foi muito legal. Depois ele parou, nunca mais ele mandou essa verba. Encerrou. Foi no governo federal ainda do Lula. Aí parou. Mas aí, pra substituir, vieram essas outras aí. Acho que esse... eu não vou lembrar todos os nomes, tá?

15:45

É muita coisa. Tanto que se eu te mostrar...pra você, de curiosidade só. Essa aqui é uma prestação de contas? Desses recursos que eu tô te falando de 2020. Olha o tanto de coisa. Aprovado, bonitinha, né? Então a gente tem as atas do conselho, tá vendo?

16:13

nas categorias, itens de segurança, aí eu comprei...

16:21

mangueira de incêndio, na área da tecnologia... Então desses itens a gente podia comprar as coisas. Aí essa burocracia toda contadora que faz, as notas, os orçamentos... Mas olha só...É muita coisa, certo? Graças a Deus deu tudo certo, tudo aprovado, bonitinho, porque às vezes dá algum erro.

16:51

porque é muita coisa pra gente lidar, tem que lidar com o banco e tudo precisa de reunião, você tem que ser bem democrático

17:05

nasce a questão participativa porque as pessoas precisam opinar no que querem, os alunos precisam opinar no que querem, veio o verba para aluno, pro gremio, pra eles decidirem o que eles queriam contar. Claro que tinham também as restrições. Foi muito legal de ver que eles queriam livros, no primeiro ano, eles gastaram tudo em livros, então a gente pensa que o aluno não quer, né? Quer sim

17:35

ano passado, eles receberam também e eles quiseram o bebedouro de água.

17:46

e livros também. Mas eles querem livros específicos. Livros de terror. É que a gente tem bastante livro, né? Esses aqui [da sala dela], todos têm na biblioteca, aquela... Ficou uma coleção ali que não tem, na biblioteca lá, mas o restante tem. Por isso que eu deixei aqui, porque lá já tá lotado. Mas tem. Mas são livros clássicos, eles não gostam muito, né? Tem que incentivar, tem que ser professor.

18:16

Mas tem um acervo bom de livros. E eles usam. Agora que a gente tem duas professoras na sala de leitura pra isso. Pra ficar ali por eles, pra emprestar livros. Tem bastante. Até meu aqui, outro dia a menina veio aqui e olhou. “Ah, esse não tem na biblioteca.” Ela pega livro quase todos os dias. Aí eu falei, “não, pode vir aqui na minha sala.” Aí a gente emprestou pra ela ler nas férias.

18:46

Enfim, então nesse sentido, é vitória, né? Nesse sentido, Vitória, é questão de você ter vontade de ver a sua escola melhor, de acreditar que se você tiver uma mente boa de trabalho, vai surtir efeito no pedagógico, vai surtir efeito, que uma sala é gostosa, né [de trabalhar]? Nossa salas são limpinhas.

19:13

Eu pinteí essa escola duas vezes, estou aqui há cinco anos. Eu pinteí duas vezes só. Então quer ver. Os alunos não são de ficar pichando, não são de ficar... Não sei se chegou a ver o banheiro, nós fizemos para os alunos. Lindo, maravilhoso, né? Aquele banheiro também... Dá manutenção. Que eles jogam papel dele, tipo, barraco. Mas não sei se você estudou na escola pública. Estudei e não tinha papel no banheiro. Não tinha.

19:43

É, praticamente nada. Agora eles têm tudo e de vez em quando eles fazem umas guerrinhas de papel, tem papel no teto... Mas enfim, é coisa de adolescente, coisa de escola, nada exagerado. Fora do... do normal não. Eu não sei se você percebeu, eu acho uma escola bem tranquila. Tem os danadinhos ali e tudo, mas não é uma coisa tão grave assim.

20:13

E a gente chama os pais, faz... são os pais que dão trabalho (risos).

**São participativos?**

Eles são. Chamou, eles vêm. Eles vêm saber se o aluno aprontou alguma coisa. A gente sempre... Principalmente se envolver em algum tipo de violência. Se machucou, se não machucou, se xingou, não sei o quê. A gente chama os pais pra resolver.

20:42

E aí eles vem, no horário que eles podem. No manhã, tarde, noite, seja quem for atende. Normalmente eles vêm mais de dia. Que a noite é o EJA, né, que tem. Aí o EJA eu trato direto com eles. Poucos são menores a noite. E mesmo quando são menores, só se for muito grave. Enfim, eu penso enquanto diretora...

21:20

que basta boa vontade. Ele vai continuar mandando. Esse novo governo mudou, né? Não é PSDB mais. Foram 30 anos de PSDB. 30 anos de PSDB na gestão de São Paulo. E agora mudou. Esse Tarcísio, não sei nem qual é o partido dele. Mas enfim... Eu acho que quem ele delegou agora... O secretário antigo era muito bom. Rossieli. Ele fez muita diferença nessa questão de recursos. Fez muita diferença. Porque o secretário é quem vai lidar mais, né? E vai chegar no governador e...

22:18

É como aqui, o vice faz as coisas, pede a minha opinião e a gente trabalha junto. Eu acho que o secretário, ele era secretário do Paraná, estado muito pequeno.

22:35

E ele está querendo fazer coisas aqui que é muito grande [o estado]. São Paulo é muito grande e muito diversificado. Cada região tem uma necessidade específica.

23:02

São vários "estados" dentro de um, né? E nós somos do interior. Osasco já é o interior de São Paulo. É a primeira cidade do interior de São Paulo. É próxima a São Paulo, mas é interior. Então, quando você encontra pessoas de São Paulo, você já vê a diferença. Até na característica de comportamento e tudo. A gente vê a diferença quando a gente vai em reuniões. Mas, enfim, eu creio que...

23:31

Para nós é só espaço mesmo que faltou. Só espaço. E aí a quadra está sendo reformada.

23:40

Tem um ano, está atrasado quase dois, que foi aceito, que eles mandaram a reforma foi aprovado e tudo, só falta vir, quase um milhão de reais eles vão gastar ali naquela quadra mas se eles fizerem tudo bonitinho vai ficar uma excelente quadra, a escola não tem muro aqui, não sei se você percebeu, não tem muro, desde que eu entrei aqui eu já pedi esse muro, todo ano eu peço de novo

24:10

mas até agora nada de muro. Parece que agora, supervisor essa semana, ele falou, tem um rapaz responsável na diretoria com as obras e ele vem à escola, parece, já veio várias vezes, tira foto, manda foto, tira foto, manda foto o muro lá de baixo da quadra está caindo, que tem...

24:37

umas árvores lá, eles tiraram, mas não tiraram tudo. E o muro está para cair. E é responsabilidade da escola. Mas eu já pedi, por isso que eu peço. Toda vez eu estou reiterando o ofício e solicitando. Se acontecer algum acidente, foi negligência minha. Porque tudo recai sobre o diretor. Diretor que não fez, diretor que não sei o quê. Mas enfim, eu creio que para nós aqui faltou espaço.

25:07

Eu acho triste porque tem esse professor que usaria muito. E ensinar os alunos iam adorar, aprender a tocar um pouquinho de violão, uma coisinha ou o sax que ele sabe ensinar, porque na igreja ele dá aula pros irmãozinhos da igreja também, então ele deve saber tocar outros instrumentos também. Ou mesmo que não saiba, é só de você ensinar, só de você ensinar os princípios da música. Tem uma professora aqui que outro dia

25:37

Ela estava dando aula e eu estava escutando daqui. Ela ensinando as notas musicais. E eles repetiam. E eu escutava um barulho de teclado. Ou piano. E eu falei, gente, será que ela trouxe? Bem, não aguentei. Fui lá. Ela pôs na TV. Na TV, era um piano. Tocava e ela ensinou na lousa, lá...

26:05

o compasso, as notas na linha, ensinou certinho. E eles, depois começaram a cantar aquarela. Gente que fofo. Que participação, sabe? Porque é diferente. É motivador, né? Então eu creio que a música deixa tudo melhor.

26:32

Também. Também gosto muito. Ajuda em tudo, tanto para o desenvolvimento artístico como ser humano mesmo. Trabalho em equipe, mental. Se você aprofunda um pouquinho, a música tem todas as coisas. Sim, tem várias pesquisas. Com o de Neurociência e tudo mais. Eu acho difícil tocar qualquer instrumento. Eu acabei aprendendo porque minha mãe aprendia lá.

27:01

Eu acabei de tanto ouvir lá, e eu acabei aprendendo. E depois ela me ensinou lá como ler, então... E nada da igreja lá. Aí eu comprei um tecladinho assim pra mim de criança até, quando me dava vontade de tocar um pouquinho, eu vi. Mas eu não consegui aprender aqui, nem quis. Achei muito difícil. Aí eu toco mais de... De ouvido mesmo. Mais de ouvido mesmo. Do que entender ali...

27:31

contar mesmo, mais do que o hino que eu sei cantar eu sei tocar vai tirando as notas eu também sou da congregação então faz tempo que eu não pego nem nada

27:47

Imagina,

**Eu estava conversando até com a Isa também, que eu estava pesquisando sobre justamente essa coisa da verba, como funcionava a distribuição no Estado para as escolas, era tudo igual. Eu acabei achando vários artigos que a**

**escola deveria ter um gestor e um administrador escolar, mas pessoas específicas, não uma função a mais para o coordenador, para a vice ou para a diretora.**

**28:16**

**Aí perguntei se aqui tinha, queria saber e eu acabei percebendo que parece que não, né? E aí como fica essa questão? Fica com você?**

Então, deveria ser a APM como um todo, todos os membros da APM, principalmente a diretoria executiva que tem o diretor executivo...Na verdade eu sou...

28:45

da APM hoje em dia, antigamente eu era presidente, o diretor era o presidente nato da APM e do Conselho. Hoje em dia eu sou apenas a diretora da escola. Essa responsabilidade ficou para o diretor executivo, tem que ser um professor. E no caso era o vice, na gestão anterior era o vice, por dois anos. Então ele que tinha...

29:13

responsabilidade de mexer com a conta do banco, ele que deveria mexer com essas questões de...com o prestador de serviço aqui, ali, enfim. Mas acaba deixando pro diretor. É muito difícil e assim, como é muita responsabilidade também, a gente acaba tendo que segurar um pouco, não delegando.

29:42

O coordenador me ajuda mais. Porque a gente tem que pagar as contas, pagar essas notas no banco. E o computador tem que ser específico só para aquilo. O aplicativo do banco. Tem que entrar, tem uma chave não sei o quê, chave não sei das quantas, piriri pororó”. Então o coordenador faz isso para mim, porque ele tem mais habilidade, guardava as notas, tirava esses benditos de extrato que tem que tirar.

30:11

pra deixar pronto para mandar para o contador. Mas a questão de envolver de quanto é, quanto veio, qual é o valor da verba e no que é que nós vamos gastar, eu envolvo a escola inteira.

### **A gestão é feita pela equipe no final.**

É. Principalmente quando tem que fazer um plano de aplicação financeira, se chegou uma verba eu tenho que fazer um plano de aplicação financeira, como que eu vou gastar aqui? Então eu chamo esse pessoal que tem que assinar.

30:41

que é o pessoal da diretoria executiva. Ó, vou sentar aqui. Falo com os professores, “ó, chegou o verba tal, o que vocês estão precisando? Quem estiver precisando de alguma coisa me manda uma listinha”. Aí eles mandam quem tiver necessidade de alguma coisa, dentro da especificidade da verba. Não adianta vir uma verba de manutenção e eles me pediram violão. Não adianta que eu não vou poder comprar. Porque a verba, elas são divididas em custeio e capital.

31:11

Custeio é aquilo que a gente vai gastar e vai quebrar ou é papel, são coisas que não são permanentes. E o capital não, são coisas permanentes, então computador, TV, um rádio, nem existe mais, porque todo mundo hoje em dia usa um notebook. Então, até isso a gente precisa explicar, e pra mim é muito comum.

31:39

saber o que é capital que é custeio. Mas às vezes não é tão comum assim. Eu tenho que pesquisar. Mas aí tem um local que a gente pesquisa, uma bolsa eletrônica, a gente vai lá, bota o que a gente quer e informa se é capital ou custeio. Porque a gente não pode gastar errado de jeito nenhum. Se não, a gente tem que devolver o dinheiro. E é o diretor que devolve, viu?

32:09

**Eu sei mais ou menos como funciona essa questão, porque lá a faculdade é pública também, né, UNESP? E aí eu faço parte de um projeto que é música**

**pra todos, que justamente teve essa questão de gastos fixos, então capital que ficaria com a gente e gastos que não eram caros.**

São materiais que se acabam rapidinho, né? Tem uma outra verba também que eles mandam pra nós, que é pra gente comprar...

32:39

café, açúcar, papel higiênico, alguns materiais de secretaria, que é a rede de suprimentos, que é uma empresa que chama Comércio, que na verdade é Ginga, mas eles só mudaram o nome, para poder ganhar a licitação de novo. Mas aí é o governo que manda um x valor, pelo computador, pelo número de alunos que a gente tem.

33:10

Todas essas verbas são pelos números de alunos que a gente tem na escola. Então, tem escola que recebe X, Y, Z, não é pelo tamanho da escola, é pela quantidade de alunos que a gente tem. Tem um valor fixo e mais um valor por aluno. Então, tem escola que não recebe quase nada e é enorme, precisaria de mais dinheiro, ela é muito grande, mas tem pouca aluno, como é o nosso caso.

33:37

Mas a gente conseguiu fazer bastante coisinha. Eu corri atrás de comprar umas coisas.

33:45

no menor preço possível.

**A próxima pergunta é justamente sobre isso, né? Como funciona a aquisição de novas verbas? Tem um limite por ano ou ela é distribuída conforme a necessidade que vocês vão precisar?**

Então, ele diz que vai manter as mesmas verbas que ele mandou ano passado. Então, incluindo uma diferença de climatização. Tem escola que já recebeu, que é para colocar ar condicionado.

34:15

Tem escola do interior que é muito quente, né? O interior é muito quente. E aí tem escola que já recebeu essa verba pra climatização. Nós não recebemos ainda. E aí a gente parece que a gente não pode comprar nem ventilador mais. E quebra o tempo todo o ventilador. Coisa que gasta muito também.

34:39

E eles reclamam demais. Rápido, acabaram. Rápido. Eles falavam que dava uma outra uma sala pra estudar, pra não ter nada. Mal tinha um lixo pra gente jogar o lixo, né? Lá que estão lá no cantinho. Hoje tem dois ventiladores na sala. Eles mesmo quebram. Porque eles puxam. Ali. E não pode. Tem que subir, tem que virar, né? Lá em cima. E eles puxam e às vezes...

35:03

Não, aí um quer ligar, outro quer desligar, está frio, está calor, está frio, está calor. Nesse liga, desliga, liga, desliga. Ou, assim, deixa um ligado. Aí fica a noite inteira rodando, rodando, rodando. Tudo tem um limite de utilidade, né? Acaba quebrando. Mas sempre que eu posso, estou investindo para a sala ficar ok. Ele diz que vai manter.

35:33

Essa mesma quantidade de verbas, que ela vai continuar do mesmo jeito e se perceber que tem novas necessidades, ele vai também...vai renovar. Então, estou esperando que sim, porque eu estou precisando de dinheiro.

**Sim, está na metade do ano e essa verba não chegou pra escola?**

Chegou uma verba emergencial em fevereiro, para a gente fazer umas...

36:00

reformas que fossem emergenciais, mas já tinha, foi só nas aulas. Por exemplo, capinagem da escola aqui, metade da escola é mato e árvore, metade da escola.

Então tem que capinar aqui pelo menos duas vezes no ano, ou às vezes até mais. Limpeza da caixa da água e desinsetização, que é a cada seis meses.

36:29

E é com a verba de manutenção que eu tenho que fazer isso. Porque é manutenção da escola, né? E ele não mandou. Eu gastei com a emergencial, ele mandou 40 mil só. 40 mil? Eu falo assim, “nossa, 40 mil da minha casa? Nossa!” Mas pra uma escola, é outra coisa. E aí ele não abriu essa rede de suprimentos pra gente comprar essa parte do material de higiene.

36:59

e isso gasta muito. Então a gente acaba tendo que gastar essa parte da manutenção, também, nessa parte do material de higiene - que ele não abre na rede de suprimentos pra gente comprar. A gente tem que gastar, porque o papel higiênico vai muito, o papel toalha também, e é uma coisa que não dá pra ficar sem. Não dá. Os alunos têm e estão habituados com isso, os professores então, piorou, se ficar faltando [...]então a gente acaba gastando e eu já... Você não pode escrever isso, tá? Eu já estou devendo, uma coisa que a gente não pode fazer. Tem que ter o dinheiro e cuidar, mas não tem como. A gente tem que ter fornecedores que são nossos amigos, que vão poder nos ajudar e esperar chegar a verba pra gente poder pagar. Porque como eu estou com a prestação atrasada...

37:55

E aconteceu um erro porque é muito verba e eles mandaram tudo da mesma conta e aí eu atralhei algumas coisinhas. Eu e o Júlio, nós gastamos errado. A gente tem que entregar prestação de conta, esperar ela ser reprovada pra poder arrumar. Pra gastar da forma...[correta]

38:16

Parece que eu paguei dignidade [verba] com outra verba, aí está lá a dignidade sobrando, e aí você tem que arrumar essas coisas. São coisas fáceis de arrumar. A gente reúne o conselho, justifica, que houve erros só de pagamento, paga de novo e acerta. Mas tá atrasada. Para atrasar nada eu já pego e vou levar lá. Chamada. Pronto de gente.

38:43

Eu posso fazer o quê? É muito, você viu o tamanho [do fichário de prestação de contas], de tanto [trabalho]. É muita coisa pra você organizar.

**Se tivesse essa pessoa específica, ajudaria?**

Mas eu também não concordo de ter pessoa específica.

**Não?**

Não, porque essa pessoa, por exemplo, pega um administrador e saiba lidar. Ele não vai entender a especificidade da escola. A escola é muito específica. Muito específica.

39:10

Então, se ele vai tratar como se fosse uma empresa, porque ele foi formado para a empresa Então teria que ter formações primeiro para a gestão e administração de recursos de escolas - escolas públicas principalmente - pra depois ter essa pessoa.

**No caso, esse administrador escolar que eu estava pesquisando era justamente isso Era alguém encarregado da administração, mas com essas especificidades**

39:40

**dificuldade de escola, né? Que aí saberia já lidar com todos esses problemas, né?**

É, e se ele não souber, ele não vai deixar que eu interfira, que ajude, que ensine já o que eu sei, né? Lidar com essas coisas.

40:01

O prestador de serviço também é uma pessoa que já sabe também, então muitos diretores não sabem fazer as coisas e ligam para o prestador de serviço, “como que

faz?” A minha prestadora de serviço aprendeu bastante, ela foi minha vice, então ela aprendeu muito, eu aprendi com ela, ela comigo, a gente aprendeu bastante, e mesmo assim a gente é...[não da conta]

40:25

porque é muita coisa. Ao mesmo tempo que você está ali fazendo, às vezes, uma nota, um pagamento, tem um professor que ele fala com você, tem um pai, tem uma mãe, tem um aluno, tem não sei o que. Então é muito... A escola é muito dinâmica, né? Então se ele não entender disso, ele vai achar que aquela verba, por exemplo, veio só para tecnologia. Certo?

40:48

Mas o que de tecnologia? O que que a gente está precisando? Se ele não tiver essa conversa, ele vai achar que pode, vai comprar aí...mais tablet, a gente não está precisando. Nós temos. O computador, muito menos, tem tanto que não estão sendo usados. Daqui a pouco eles vencem, fica desatualizado e não foi nem usado. Isso acontecia muito antigamente, que os diretores tinham medo de usar e quebrar. Então trancava

41:17

e quando ia usar, tava tudo estragado. Eu fui diretora pela primeira vez numa escola, que tinha uma TV de 29 polegadas, daquelas de tubo ainda. Trancada numa sala lá. Não vi a caixa. E eu falei, por que tá isso aqui? Por que que não estão nos carrinhos? Tinha carrinho, né? Pra colocar TV...não tinha ainda essa TV de tela plana. Aí eu tirei da caixa e botei lá pra correr. Vamo andar gente.

41:45

Mas eu cheguei na escola e não tinha uma caneta. Tinha caneta que eles tinham dado para o aluno. Que foi quando começou a dar material pro aluno. Tinha, aquele tipo de caneta, horrível aquela caneta. Falei, gente do céu, não tinha nenhuma caneta. Porque eram só esses 15 mil que tinha por ano. Então, você tinha que...

42:08

economizar em tudo. Agora eu não economizo em nada. Compro tudo do bom e do melhor. E a gente dava pro aluno, a gente não fica sendo egoísta, só nós não. É aluno, é professor, tanto que agora a gente tava sem sulfite. Porque os professores vem, tem essa impressora que tá aqui no cantinho, eu comprei pra eles.

42:37

Só que eu não posso, infelizmente, gostaria muito de poder, mas não posso deixar ela lá na sala dos professores para que eles não usem. Por que? Eles vão fazer uso indevido. Primeiro que não vão saber mexer, vai acabar quebra... o negócio com o papel, vai querer puxar, não vai saber lidar com o equipamento e vai acabar estragando logo.

43:04

E fora que vão começar a tirar cópias que não são para a escola, ou são pra outra escola. Ou vão tirar muitas cópias. Não é uma... Aquelas marcas de... de copiadoras, né? Enorme, da Xerox, né? Eu trabalhei na Fundação Bradesco, era assim. Tinha um departamento só pra isso. Chegava lá, ó... “Quero 200 cópias disso aqui”. Num segundo.

43:34

Mas aqui não é assim. Mas eles usam bastante. Mas aí a gente ficou sem sulfite. Moacir que comprou com o dinheiro dele. Aí ontem a prestadora de serviço apareceu aqui, reembolsou ele, mas... E não tinha mesmo. Pra imprimir o material da secretaria, principalmente. Então você vê que mesmo com muita verba...

44:00

Mas porque essa rede [verba] de suprimentos é que deveria abrir para a gente poder comprar suprimentos. E manda 500 reais só. 500 reais. O que a gente vai fazer com 500 reais? E super, Isso tudo caro, viu? Se você for na Kalunga, ou for da própria loja, só sem ser comercial, você paga metade do preço.

44:28

Mas como é para o comércio, eles dobram o preço. Estado é assim. É, então o cartucho de tinta, por exemplo, que é 56, assim, o do mais simples, né, pra

impressora pequena, aí já vira 100 e pouco, 100, 200, 100. É, por isso que a gente optou por comprar dessas, que são tintas recarregáveis, né? Então a gente compra, tem ali, compra os...

44:54

pot, litro, lá de cinta, pra recarregar. Porque se for daquelas que compra cartuchinho e der 70 conto cada cor... Cada coisa. Na minha casa, eu deletei a minha, porque não dá pra manter. Você tira lá, 40, 50 copas, já era, né? Já foi. E em escola, não... ia ter que ficar de netéria. E ele tem o projeto do programa sem papel. Mas o sem papel dele é entre aspas. Você tem que imprimir...

45:24

Assinar, escanear e mandar. Não é sem papel. Sem papel significa, eu não fui lá na diretoria entregar pra eles, o que eles estavam pedindo. Mas eu tive que imprimir e assinar. Deixar no PDF pra mandar. Gastou o papel, não gastou? Só não gastou muito tempo de ir lá. Tem coisa que tem que ir. Coisas que não adianta. Tem que ser em papel.

45:54

Mas enfim, eu não reclamo não porque em vista de muitas escolas por aí, nossa, recebeu muito elogio das cataritas de Cristina. Fiquei tão feliz. E claro que nunca formou uma escola tão bonita, tão conservada, tão limpinha. Parece uma escolinha de interior, de alabar.

46:17

Eu gostei, né? E a elogio é bom mesmo. Sim. Crítica a gente recebe o tempo todo, mas a elogio é bom. E aí, você tem mais perguntas?

**Tem, mas quatro. Quatro perguntas. É uma que provavelmente vai ter mais ou menos a mesma resposta que você já falou da questão de música, né? Mas eu vou fazer mesmo assim, que é se você achar possível implementar aulas de música na escola. Por que sim**

- Eu acho -

**ou por que não?**

Por exemplo, à tarde, se fosse no período da tarde...

46:48

Da tarde só tem seis salas funcionando. Daria pra usar uma sala, dessas quatro que estão sobrando, pra fazer um projetinho de música. Então eu não vejo que isso seria impossível de fazer, não. Mesmo não tendo um espaço específico, daria pra usar essas salas no período da tarde, pelo menos, pra fazer um projetinho assim de música. Não é impossível, não. A gente só não pode, de forma nenhuma, não tem verba nenhuma,

47:16

para contratar pessoas, pra nada. Tem que ser professor que seja um voluntário, tem que ser um professor que faça na aula dele, tem que ser um voluntário de fora. Contratar, a gente não pode contratar ninguém.

47:32

**E você acha que para essas aulas de música seria possível adquirir materiais, por exemplo, violão?**

Sim, porque quando eles mandam as verbas específicas, principalmente na área de aquisição e implementação dos projetos pedagógicos, se eu tiver um projeto pedagógico voltado para a música, eu posso comprar materiais de música.

47:56

Eu tive, ano passado eles mandaram o projeto pra sala maker. E aí nós não temos uma sala específica pra isso. Mas teve gente que fez uma sala pra ensinar a fazer robô de Lego, fez salas de oficina de construção. Nós pudemos comprar, a gente comprou furadeira, porque o Moacir conserta as coisas, martelo, chave de fenda. Tudo podia comprar nesse [verba do projeto], mesmo sem ter a sala.

48:26

a gente pôde comprar o material. Tem verba que a gente não precisa do espaço. A gente precisa do projeto, do plano de aplicação e aí a gente justifica e usa numa aula normal. Música, por exemplo, daria pra usar numa aula normal. Igual a professora Mônica, só com a TV, na aula de artes, ela tava dando aula de música.

48:52

É possível. Basta querer. E ter alguém, né?

**E dentro da aula de artes é possível adquirir recursos para auxiliar o professor? Em aulas de música?**

Sim, porque tudo isso é justificável para a melhoria do rendimento dos alunos. Quando é para justificar o rendimento dos alunos, a gente consegue um monte de coisa. Basta ter vontade.

49:21

**Legal. Eu fiz a entrevista com os alunos e uma das questões que surgiu foi de falta de material, por exemplo, tinta. Você acha que era possível ter esses materiais para a aula de artes? Uma sala específica para a aula de artes?**

A sala específica para a arte, depende da FDE, para construção. Meu supervisor já até me orientou a pedir ampliação da escola. Só que a gente não tem demanda. Demanda é o que? Aluno.

49:50

Você veio de manhã ou à tarde?

**Vim de manhã.**

De manhã, né? Então de manhã tem um pouquinho mais de alunos, mas à tarde tem sala que tem 15 alunos. Então não justifica, e tem quatro salas sem ninguém. Então não justifica eu pedir pra ampliar a escola, eles não vão entender que é pra espaços diversificados. Porque a gente não tem aluno. Então eu não pedi.

50:18

o meu supervisor orientou pedir para construir um elevador, porque essa rampa aí não é acessível, né? É uma rampa, mas não é acessível, e não tem lugar para você construir uma rampa com medida correta, aí ele disse, ó, pede para construir um elevador.

50:36

Mas eu não tenho aluno também, não tem necessidade para isso. Então, não justifica pedir o elevador também. Se eu estou pedindo a reforma da quadra que está dois anos atrasado.

**E você acha que nesse espaço que você falou que tem, por exemplo, muito mato aqui na escola, você acha que seria possível elaborar um projeto para a construção de um espaço específico?**

Sim, é o que a gente quer para as próximas verbas agora. Porque eu posso usar...

51:05

determinados tipos de verba para construir o que eu fiz na outra escola. Que foi um ambiente de... que a gente chamou estudo. Fez umas pracinhas, fez umas mesinhas com os banquinhos, coloquei uma pia porque eu sabia que a artes ia usar, então precisava de pia para lavar os pincéis, assim, né? E a gente não pode conseguir coisa com cobertura.

51:30

porque isso significa construção e aí a FDE tem que autorizar, pipi, pipo, pão Mas eu coloquei tudo, sabe? De plástico

**Você acha que, por exemplo, não construir uma sala de arte específica, mas por exemplo, deixar uma mesa que dê para eles colocarem telas de tinta, por exemplo, para usar?**

Sim. Nós temos uma sala de leitura, duas mesas redondas. Duas mesas redondas

52:00

que é justamente para as bibliotecas que eles mandaram. E eles vão mandar, que a gente respondeu o questionário. Então tem coisas que eu não posso comprar, porque o Estado vai mandar. Mas eles... a gente pediu acho que uns 10, tudo eu peço demais. Se vier [bem], se não vier [fazer o que]. Mas vieram, porque a gente pediu esses gaveteiros, mesmo não precisando, vieram 10.

52:30

o que mais que chegou. Teve mais coisas que já chegou. Tem escola que já recebeu, tem outras que não. Eles demoram um pouquinho pra mandar as coisas, mas eles mandaram bastante e fizeram uma pesquisa pra bastante material. Esse governo nesse sentido, é muito bom. Tirou bastante direito da gente, mas...direito profissional.

53:00

mas na questão financeira a gente não precisa tanta coisa assim, porque eu realmente falei pra você. O que a gente precisa, tem espaço, mas não foi construído. Eu não vou fechar uma sala de aula com aluno pra poder, por exemplo, pra ter uma sala de arte o tempo todo. Uma sala ambiente, por exemplo. Porque aí eu vou ter que fechar uma turma. Uma de manhã, uma tarde e uma à noite. Pra sala virar [pra conseguir ter uma sala específica de arte].

53:29

Aí são aulas que o professor não vai ter, num lugar que o aluno vai ter que estudar.

53:39

Não vou fazer isso, por enquanto não.

**A sexta questão então é se seria viável uma assembleia entre a direção escolar e os alunos para discutir melhorias de possibilidade, de melhorias no ambiente escolar. Então nas aulas de artes, espaços, recursos e infraestrutura.**

Sim, na verdade

54:05

essa Assembleia, essas reuniões de APM, a gente convoca e elas têm os membros, né? Eles que são responsáveis pela votação [organização], têm direito a voz em voto, mas os outros também podem participar [alunos], só não terão direito a voto, têm direito a voz também. Então, ou seja, se eu convoco uma reunião na escola, qualquer aluno pode participar, qualquer aluno, qualquer pai, porque todos são membros.

54:35

Todos são componentes da...[comunidade] Mas os membros é que terão uma decisão. Só que, Vitória, é incrível. Eles falam pra vocês. Quando chega na hora do “VAMO VÊ”, acho que eles têm vergonha. Então, o que surtiu bastante efeito na hora da gente gastar o dinheiro do passado do Grêmio foi uma caixa de sugestões que a gente colocou no pátio.

55:02

Aí eles punham o papelzinho com o que eles queriam. Então eles não se identificavam, não tinham medo, receio de falar. Então ali que eles foram, que a gente descobriu o que eles queriam, não foi conversando com eles, a gente descobriu ali. Tanto que eles colocaram ali, “manda a professora tal embora”. Achando que eu tenho autonomia, eu não tenho autonomia pra mandar nenhum professor embora.

55:26

Não sou eu que contrato. O professor é efetivo, é concursado. O contratado é contratado pelo Estado. Só se ele descumprir as regras, aí a gente propõe que ele seja mandado embora. Ele ainda pode entrar com recurso. Os alunos não. Eles não gostam do professor, eles acham que a gente pode mandar embora. Antes que fosse.

55:51

**E a última pergunta agora é qual a sua opinião sobre a polivalência do professor de artes dentro da escola? Você acha que isso ajuda ou você acha que seria melhor ter, por exemplo, quatro profissionais? Então um de artes visuais, um de música, um de teatro e um de dança para as aulas ficarem mais específicas.**

Eu creio.

56:18

que ele tentou fazer isso, com a implementação dos itinerários. Ele tentou fazer isso. Só que, como foi...é o segundo ano que a gente teve essas matérias, né? E não houve formação específica.

56:36

Então o professor não entendeu. Então ele entendeu que ele é de artes, ele pegou aquele itinerário para dar aula, por exemplo, “a estética do corpo”. O professor de artes pode pegar. E é específico, né? De artes. Eu não sei explicar direitinho porque eu sou da matemática, mas é específico. Não é ramo. Ele deveria trabalhar a estética do corpo.

57:05

mas o professor pega e trabalha artes e vamos lá. Tem outras disciplinas também, outros itinerários, não vou lembrar todos, mas que é específico, tem de educação física, por exemplo, luta corporal, só que aí o professor vai e dá educação física normal. Não, é de luta.

57:29

Luta, né? Tem vários tipos de luta, então deveria trabalhar, na minha visão, especificamente isso. Então o governo já fez isso. E você falou... Ele já tirou do professor de artes, muitas coisas. Só que ele não formou ninguém. Formou ninguém. Eu sei mais por quê? Porque eu fiz o horário da escola. Então, eu sei mais porque eu ainda tive que fazer o bendito horário.

57:58

E aí o que é o itinerário? Eles escolhem o que eles querem fazer e desmembra. Os alunos escolheram fazer tal itinerário, o outro escolheu o outro. É a mesma sala, mas aí eles se dividem. Mas o professor ainda não foi formado para isso. Tem um que é a relação dos números. É de matemática. Pessoas de matemática podiam pegar.

58:27

“O que será que ele está dando?” Teve a estética dos números também? “O que será que ele está dando?” Ele está dando aula de matemática (risos). Ele está dando outra coisa [dentro da matemática]. Porque dentro da estética dos números vai entrar a lei áurea, vai entrar a parte musical também que tem a ver com isso, com a estética dos números, que eu entendo um pouquinho. Eu sou de matemática, um pouquinho [entendimento sobre a música].

58:56

Porque eu já fiz algum trabalho na estética dos números, na relação dos números e a lei áurea, os alunos adoram, né? Porque você vai ver sua relação da beleza, vai analisar essas modelos, porque algumas parecem não ser bonitas, mas estão dentro do padrão de beleza, porque ela é totalmente perfeitinha, enfim, mas faltou formação, e pelo jeito ele vai tirar.

59:26

Porque deu muito trabalho e faltou profissional. Aquele que teve boa vontade, ele foi atrás. Professor, sempre na boa vontade. Ele foi atrás, ele foi pesquisar, ele foi ler, a Internet está aí pra tudo, não é? Você acha tudo na Internet.

**Aí no caso, o professor, por exemplo, de artes, aí apareceu dentro do itinerário a história da música.**

**59:53**

**Aí você acha que a polivalência no sentido de um professor que é formado em artes visuais dá também aula de música? Qual a sua opinião sobre isso? Ou você acha que poderia ter um profissional específico para esse itinerário que surgiu de música?**

Eu acho melhor um profissional específico. Porque quando ele é amplo [itinerário], na verdade ele vai muito mais pelo que ele tem mais habilidade e gosta [professor]. E deixa...

01:00:19

o que ele não tem muita habilidade e não gosta. Como na matemática, que é geometria, que a maioria não gosta, não sabe ensinar, então a geometria fica pra trás. Acabam não, o aluno não aprendendo geometria. Eu aprendi geometria na faculdade. Não aprendi geometria no meu ensino básico e nem no ensino médio. Então, fui aprendendo na faculdade e depois fui aprender sozinha. Pra poder dar aula. Muitas coisas. E ainda não sei muita coisa.

01:00:49

se tivesse que dar aula, por exemplo, no ensino superior, ia ter que dar uma estudada melhor. Então fica muito assim, naquilo que o professor tenha boa vontade. Eu não concordo nem com o professor polivalente do ensino fundamental 1, o pedagogo, eu digo, dar aula de matemática. Tinha que ser professor de matemática, desde pequenininha.

01:01:17

Porque lá o polivalente não dá aula de artes, é um professor de artes, e o de inglês é um professor de inglês. E por que matemática não? Então eles chegam aqui com muita dificuldade de matemática. Muita. Matemática é a dificuldade do Brasil, é a dificuldade mundial. Por quê? Porque o professor, pedagogo normalmente, ele quer fugir, ele foi para a pedagogia justamente para fugir da matemática.

01:01:45

Então eu não concordo, deveria ser o professor de matemática desde pequenininho, que ele ia saber certinho.

**Desde o primeiro ano, ter cada professor específico para matemática, etc?**

Não precisava ser cada professor, não, porque o pedagogo dá conta do português, da língua portuguesa, da história, da geografia básica, né? Ele não precisa avançar também. Mas eu creio que na matemática, que é uma área... Que a matemática hoje em dia é uma área sozinha.

01:02:15

eles tentaram colocar junto com ciências da natureza, não sei o quê, mas não dá certo. A matemática ela é uma área sozinha, ainda foi inventada pelo homem. Ela tem relação com a natureza, obviamente, mas ela foi criada. Não é como a geografia que existe, a história, a própria arte, que é... Matemática não, ela foi inventada.

01:02:41

Então precisava ter um profissional. E artes também, principalmente na arte visual. Tem professor que trabalha muito bem isso. Tem... sei lá, que tipo de artes que tem. Você que deve saber melhor que eu. Tem que... Então, professor de artes no noturno, ele tem bastante habilidade em várias coisas.

01:03:06

Ele trabalha, tem uma época do ano que ele não trabalha exatamente o Halloween, mas ele trabalha a parte de maquiagens. E aí faz aquelas maquiagens de monstro, os monstros fazem, fica coisa mais linda. Ele tem várias habilidades.

01:03:30

Mas, isso é muito também respeito ao aluno. Ao aluno. Ao currículo, né?

**Tem a BNCC para cumprir e tudo mais.**

Tem o currículo para cumprir. Também não pode ficar fugindo muito.

01:03:46

Mas eu concordo, eu podia ter sido profissional de arte, que fossem específicos. Porque, por exemplo, você é musicista, certo? A parte se fosse de desenho, que eu gostava muito, quando uma professora de ensino médio ensinou a gente a

desenhar a própria mão. Achei aquilo máximo. Ensino técnico, de desenho, e pra gente. E é muito diferente da música.

01:04:15

A música é muito específica. A senhora Mônica deu o básico da música para o sexto ano. O básico da música. Mas ir para frente. E as escalas, bemol, sustenido, não sei o quê. E os... você toca violoncelo? Então. É diferente.

### **Clave de sol, de fá, de do...**

Essas coisas não entendo nada. Só sei ler lá, “malema” ainda

01:04:47

uma partitura lá “malema”. Bem simples. E seria legal também, então, né? Quando você sai daqui tocando pelo menos um pouquinho já o instrumento, ele seria incentivado a fazer uma aula fora. E é uma questão que é engraçada, assim, porque, por exemplo, a cultura de... aí dão concertos no Brasil, assim, né? Não tem. Não tem. Então...

01:05:15

E muitas vezes não é nem por conta do preço, porque tem muitas iniciativas que são concertos gratuitos. Então, por exemplo, a Sala São Paulo tem concerto matinal 11 horas todo domingo grátis, teatro São Pedro, ópera grátis, tem vários programas culturais que são oferecidos gratuitamente. Só que o que acontece, como o brasileiro não tem muito contato com isso desde sempre na escola, aí não gera um interesse.

01:05:44

Então quando alguma coisa do tipo aparece, é meio muito fora da realidade do que ele está acostumado. Ou é muito chato, porque ele não acostumou com aquela linguagem. Então acho que é uma coisa que se tivesse na escola pública desde o início, que nem nos outros países, alguns têm desde, mesmo aqui na América Latina, Bolívia, parece que tem desde ensino fundamental, já tem aula de música específica.

01:06:14

Então, o aluno já vai acostumando com essa linguagem, né? E com esse contato com a música. Então, vira uma coisa... Até se desenvolve melhor nas outras áreas e tudo mais, né? Estou vendo que no Brasil não tem esse incentivo, né? Eu tenho uma... Não estou dizendo amiga, mas uma colega... Esse colega de trabalho que é lá pra cima.

01:06:45

e vai principalmente a concertos, sabe? Eu sempre vejo ela indo na sala São Paulo, ela com a filha e aí ela mostra, também ela, é da minha igreja também, com esse lado musical.

01:07:06

a gente tem desde criança dentro de casa. Porque às vezes o marido também toca violino, o marido não, mas a maioria da casa é da mesma religião. Aí o marido também toca, aí as crianças também tocam. Aí dentro da casa é normal música desde da barriga. Desde da barriga. E música clássica, né? Porque na verdade a igreja toca os hinos, mas baseada na música clássica, né?

01:07:31

não é como outras igrejas evangélicas que tocam bateria, músicas mais modernas, não, mas é baseado na música clássica mesmo. Então, agora, eu penso assim, se tivesse o científico na escola de tudo... E pra nós de Osasco, São Paulo já é longe. Parece que não, mas é.

01:07:58

Quando a gente fala, nós vamos ao São Paulo, parece que a gente tá em... Eu mesma quase não vou, mas que eu tô em outro mundo. Eu fico encantada cada vez que eu vou. É um prédio novo, é uma coisa nova. Eu gosto muito do centro velho. Eu gosto dessa parte de analisar. A gente já fez... Eu trabalhava na fundação, então a gente fez muito projeto ali na estação. Na estação da luz.

01:08:25

de verificar a construção, porque que é daquele jeito, né? Então, eu tive muito desenvolvimento, Vitória, porque eu trabalhei em escola particular. Então eles investem muito no professor. Investem muito no professor. E no Estado também. No Estado, no começo, ele investia muito, a gente tinha muito curso, muita formação, muito tudo. Tudo que tinha de graça eu fiz. Tudo.

01:08:54

Por que aparecer de graça? Tinha coisa pra fazer? Vamo fazer. Agora é mais difícil. É muita distância. Muito também, esse negócio, a distância para quem é antigo não funciona. E eu não sei nem ler as coisas no celular. Ou ali, eu tenho que imprimir, pegar, para fazer anotações do lado. Porque é assim que eu aprendi a estudar, né?

01:09:25

Acho que o aluno de hoje nem aprendeu a estudar. Ele pega o celular dele pra fofocar, TikTok, Instagram, sei lá o que mais. Mas estudar ele mesmo ele não sabe, fica perdido. Ele fica perdido porque ele não aprendeu também pra isso. Ele usa mas... pra fazer uma pesquisa. O Eja até que não, o Eja até que não. Um pouquinho mais espertinho. Mas o fundamental...

01:09:53

E o médio, então. São os jovens de hoje, uma preguiça, de tudo. Mas se tinha uma série de 200 mil dias, aí não tem preguiça. Eu acho que tinha que incentivar, sabe? Nós temos, o brasileiro tem um potencial.

01:10:22

de querer as coisas, de gostar. Eu não sei se você estava aqui no dia que eles estavam no pátio, eu olhei e não sabia o que estava acontecendo. Não tive tempo de conversar com a Isa pra saber, eu olhei no pátio, todo mundo em volta, com a rodinha assim.

01:10:39

E aí, a Isa levantou e falou, a câmera não tem áudio. Falou, falou alguma coisa, aí eu vi a professora passando os papéis, cada um em uma parte, daí uma outra, e eu

perguntei para a Isa o que estava acontecendo. Eles estavam fazendo leitura de poemas

01:10:58

e adorando. Quer dizer, quando você vê um aluno dessa geração, lendo um poema “kakakaká” [normalmente outros zombariam], né? Não, porque o professor incentivou, mostrou e eles estavam adorando. Mas também teve o quê? Café. Teve aquele.... Aquela diferencinha. Elas compraram coisas, eles trouxeram coisas, então depois daquilo eles puderam tomar um café.

01:11:24

Então foi diferente. Então, dali quantos não vão ler poemas daqui pra frente?

**Sim. Que é o primeiro contato, né? Basta ter esse contato.**

Talvez ele já teve, pequenininho. Mas de uma forma muito obrigatória, de uma forma não madura o suficiente, né? Porque, no ensino médio, é que você vai ler uma poesia e você vai entender direitinho, né? Porque, às vezes, você leu e não entendeu nada.

01:11:51

Eu sempre gostei muito de ler poesias. Meu irmão também. Muito. Ele tinha livro de poesias e lia, lia, lia. Hoje em dia eu não me lembro quase nada

01:12:08

No começo do ano eu me inscrevi no curso de direito, eu falei que ia fazer curso de direito porque fazia o que eu queria. Ah, vou estar. Só tem uma outra... Aí eu desisti, minha filha falou que não ia fazer direito na UNIP, eu falei, credo preconceituosa. Eu não estou em condições de estudar, mas não quero ir ao curso de direito. Não é verdade, eu vou fazer 31 anos de estado esse ano.

01:12:35

16 anos de CLT, de NSS, 16 anos eu trabalhei em dois lugares desses 30. Então a gente tá... Sim. Mesmo assim, aqui a gente demonstra o melhor. Sim. Mas eu não gostaria de estar numa sala de aula.

01:12:59

Adoro esse!

01:13:03

Eu sempre tive maneiras diferentes de ensinar matemática, para tirar esse ranço que as pessoas construíram, desenvolveram. Caxilo, vai fazer que tá morrada. Não é assim? Não. Que coisa difícil, que difícil. Ai, pra que você vai usar isso? No que eu vou usar isso na minha vida?

01:13:33

Lembro, acho que você nem pegou... O que é púsculo, né? Isso, eles ficam escondendo, vou querer fazer a lição de matemática pra ficar linda aqueles livros, né? Eu falei, hein, ó, você tá lendo esse livro aí pra quê? O que você vai usar esse livro aí na sua vida? Você não vai usar esse livro pra nada, e Vampiro nem existe? Aí eu falei, ela vai pro você é demais, eu falei, então... A leitura, ela é prazerosa, principalmente a leitura...

01:14:01

que não tem nada a ver com o seu... O academicismo. Tem um professor que fiz gestão colar, um doutor da Unicamp, que ele dizia isso, se você faz leitura para o seu trabalho, não é leitura. A leitura de verdade que produz o pensamento é aquela leitura que você faz por exemplo.

01:14:28

Você pergunta se você tem que ler de obrigação ou o que? Mas eu gosto. A leitura mesmo das coisas de escola aqui. Eu gosto, Nino. Eu gosto. Mas é que gostava mais matemática. Escolhi dar aula. Não caí de paraqueta, não. Escolhi. Muito antes de ir lá.

01:14:55

vou dar aula, vou ser professora, dê uma tonagem pra mim. E eu quero dar aula para ensino médio. Eu dei aula pros menores, tive escolhido tudo, mas meu objetivo era ensinar. Mas eu gostava de dar aula, eu fazia assim, quinta série antiga e o terceiro ano.

01:15:15

no terceiro ano já está mais maduro, beleza. Os pequenininhos ainda estão imaturos, você consegue transformar em meio ano, você deixa eles do jeito que você quer. Eles vêm tudo assim, cabelos de uma escola, mas aí você transforma rapidinho. Eu trabalhei em país, a gente trabalhava com geografia, eu com matemática, um outro amigo com português, a outra com história, então a gente unia e formava.

01:15:43

Tive muito aluno que estava sob a URSP. Soei no ICAMP, no UNESP, no Escola Pública. É um úmido, né? Sim, e depois encontrar e ver. Tem uns meninos que são farmacêuticos no meu bairro. Gênesis, Fabio e Felipe. E eu não reconheci, porque eu não tenho alguma memória. Ele falou assim, eu queria um antibiótico sem receita para o meu gato.

01:16:11

o olho páscado, ele falou assim, você sabe, eu não tenho a receita, mas olha como ele fala, aí ele falou assim, eu vou te vender, mas sabe o que? Você foi a minha melhor professora de matemática da vida. Falei, eu não acredito. Ele falou assim, eu sou o Felipe.

01:16:36

Eu lembrei, Felipe e eu lembrei o Cabo Gélio, né? Fábio Felipe, mas ele estava muito gordo. Depois encontrei também Fábio, que são donos da farmácia. E agora ele está fazendo Filosofia na USP. Mas ele estudou também de graça na USP. E estudou só na escola. Estudou lá conosco. Na outra escola. Porque a gente tinha, não tinha muito curso.

01:17:04

Mas o que a gente tinha, a gente usava muito tempo. Uhum. E hoje se tem muito recurso, mas às vezes o professor não tem a forma... Hoje em dia a formação tem muito... Uhum.

01:17:18

Mesmo as vezes que vem de uma UNESP, que vem de uma FUVEST, que vem... Tem bastante aqui, viu? É. Daí, eu assino os contratos, vem de federal, principalmente as federais, parece que tem mais facilidade de entrar, não sei... Como? É bem... Você vê que foi bem promedio, não. Tudo depende muito do aluno, né? É. Eu sei disso. Eu não fiz sacudagem pública.

01:17:45

fiz uma vez só o vestibular da Fuveste, não queria ficar esperando, eu queria ir para a faculdade, eu queria ir para a faculdade, aí fiz faculdade particular, na época só tinha na FDZ do O, faculdade muito boa, foram as melhores professoras que a gente ainda tem, foram formadas nessa faculdade.

01:18:10

Tinha professores e doutores da UF. A gente tinha aulas muito boas. Muito. Só não tinha, e eu queria mesmo. Mas assim, hoje em dia falta muito.

01:18:23

Essa crítica que eu faço, esse estudo de EAD... É porque virou um comércio, não virou mais que reformação, virou distribuição de diploma. E a pessoa precisa ter muita aplicação. Sim, se for, por exemplo, uma pessoa que mesmo fazendo EAD, que ela vai atrás e corra pra aprender, aí ela sai aprendendo, porque tá ali.

01:18:49

Mas tem outros que só vai pagando, e aí só recebe de pão no final e pronto. A minha filha tá fazendo um pouco a distância ao tonto, né? Uhum. Pela uninove. Às vezes ela dorme. Ela assistindo como a gente tá trabalhando, né? Aí ela acaba dormindo. Mas a maioria das vezes não. Ela senta na mesinha dela lá, estuda, bota o computador ali, caderno.

01:19:18

Caderno não, fichas, ela gosta de fichas. Fichas catálogas, sabe? Tem muita daquelas fichinhas. Ela gosta daquilo lá. E eu não vejo a hora de voltar tudo presencial. Porque se ela não fosse o consultório que ela já faz estágio, ela ia perder muita coisa. Ia perder. Porque a distância é...

01:19:41

Tem hora que ela dorme, está cansada. E às vezes eu estou lá com a gente. E até ela cansa também, né? Eu não consigo. Eu fiz alguns cursos a distância, o último eu tranquei. Era muito difícil. Eu puxava a rede fora, no curso de matemática curva, porque eu fiz que sem satura, eu não fiz matemática curva. Eu queria adorar aula, eu não queria sempre dar meca. É diferente fazer matemática curva.

01:20:09

Aí, mudando a minha... Eu tava em duas escolas e escrevi nesse curso. Foi o 1, porque eu não dei conta. Eu não tranquilo. Era pelo unicâmbio, aí dá uma misericórdia. No cão, dá até... Quando fala assim, meus cabelos já arrepiam. Porque é difícil demais. Aí eu comecei plagiar algumas respostas.

01:20:33

E o pessoal obviamente percebeu, deu as chamadas, aí eu parei. Tinha tempo de estudar. Não tinha tempo para calma. Acabou? Acabou.

**Então só para resumir assim, né? Você acha então que aqui na escola seria possível ter aula de música, os materiais?**

Seria. Seria muito bom

01:20:54

Se vier as nossas verbas depois que minha prestação de contas for acertada, que aí ele vai mandar, porque ele manda. Porque não tem explicação isso. A gente está com a verba atrasada por conta da prestação, mas depois que acertar ele manda. E pode ser que fique para o ano que vem. Mas...

**Acha que tem total possibilidade de ter?**

- tem, com certeza -.

**Não teria dificuldade com materiais?**

Se tiver... Materiais, não. Material sem problema nenhum. Interesse dos alunos?

01:21:24

Também não, eles gostariam muito. Já fiz alguns projetinhos em outra escola com alunos. Fiz projetos de reciclagem com as alunas da ETEC. Elas vinham lá tarde, determinado dia, determinada aula. Eu pegava de português e matemática que tem muita aula. O professor não ligava também [dava importância]. Entrava, elas davam aula, faziam o projeto. Depois que arrecadaram bastante, garrafa

01:21:53

pra vender pra uma ONG, pra vender pra um lugar que eles... sei lá como chama, lugar que recicla e deram... aí a gente deu prêmios, prêmios, foi muito legal. Também fazem TCC na ETEC, então elas vieram, foi muito bom, foi um ano inteiro

01:22:17

Se tiver um profissional e ele não me atrapalhar? Nem atrapalha a escola? [Então tudo certo].

**A entrevista foi essa. Obrigada pelo seu tempo. É...Luciana.**

Quando você precisar, venha. Quando você estiver formada e o seu projeto para desenvolver, venha conversar. Certeza. Tendo espaço, material, tendo dinheiro, a gente compra.

01:22:48

Acho que a gente precisa, tempo que eu tenho ainda pra trabalhar no Estado, continuar ainda com o mesmo ânimo. Porque se não a gente... Melhor sair, né?. Tem gente que... Sabe... Leva a escola pública como se fosse o bico e eu odeio isso.

01:23:18

Nosso aluno de escola pública aprende tanto quanto o até mais do que um aluno de escola particular. Que eu dava a mesma aula que eu dava na fundação, eu dava pro aluno, pra mesma série que eu tinha no estado. O aluno da série do estado aprendia muito mais, muito mais rápido do que o aluno de escola da fundação. Porque o da fundação, já tinha o nariz empinado. Aluno de classe média misericórdia.

01:23:46

E eram filhos de funcionários do Bradesco. Não era aluno comum, mas aluno de filhos do funcionário do banco. E tinha um critério bem rigoroso. Então era quem tinha mais de 15 anos de banco. Ter aula para os filhos dos gerentes, chefes. Então era, sabe? Aí eles perguntavam para que país que eu já tinha ido. Falei, nem pro Paraguai eu fui.

01:24:11

Nossa, professora, “ah eu vim de não sei aonde”.

**“Nossa, eu vou para Disney.”**

Quando eu vou para casa do meu pai, eu coloco a hashtag "partiu Orlando". E eu coloco porque ele chama Orlando (risos).

**Muito bom (risos). Então, obrigada.**

## APÊNDICE C - Termo de consentimento (alunos)



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

### TERMO DE CONSENTIMENTO PRODUÇÃO DE DADOS PARA TCC

Eu, \_\_\_\_\_,  
portador(a) do RG nº \_\_\_\_\_, residente no endereço  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_, e  
responsável legal pela criança \_\_\_\_\_,  
entendo os propósitos acadêmicos, os procedimentos metodológicos e os objetivos da  
pesquisa "A criança e a arte: barreiras e possibilidades em educação musical diante da  
infraestrutura escolar" realizada pela discente VITÓRIA STEFANY LIMA DE ANDRADE,  
portadora do RG nº 58.170.332-7, aluna regularmente matriculada no curso de Licenciatura  
em Música do Instituto de Artes da Unesp, situado à Rua Dr. Bento Teobaldo Ferraz, 271 –  
Barra Funda, São Paulo/SP, CEP 01140-070, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daisy Fragoso,  
portadora do RG nº 44.199.383-7.

AUTORIZO, portanto, a participação do(a) menor na pesquisa mencionada, desde  
que consentidos **também pela criança de que trata este termo**. AUTORIZO, também, a  
divulgação pública dos resultados deste trabalho e entendo que os mesmos não serão usados  
para fins lucrativos. Além disso, declaro ciência de que a participação do(a) menor é  
voluntária e que este(a) pode deixar a pesquisa em qualquer momento sem prejuízos para  
seu/sua responsável legal ou para ele(a).

São Paulo, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) responsável legal pela criança participante da pesquisa

\_\_\_\_\_  
Pesquisadora  
Vitória Stefany Lima de Andrade

\_\_\_\_\_  
  
Orientadora  
Profª Drª Daisy Fragoso

## APÊNDICE D - Termo de consentimento (vice-diretora e diretora)



### TERMO DE CONSENTIMENTO PRODUÇÃO DE DADOS PARA TCC

Eu, \_\_\_\_\_,  
portador(a) do RG nº \_\_\_\_\_, residente no endereço

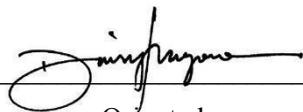
\_\_\_\_\_  
entendo os propósitos acadêmicos, os procedimentos metodológicos e os objetivos da pesquisa "A criança e a arte: barreiras e possibilidades em educação musical diante da infraestrutura escolar" realizada pela discente VITÓRIA STEFANY LIMA DE ANDRADE, portadora do RG nº 58.170.332-7, aluna regularmente matriculada no curso de Licenciatura em Música do Instituto de Artes da Unesp, situado à Rua Dr. Bento Teobaldo Ferraz, 271 – Barra Funda, São Paulo/SP, CEP 01140-070, sob orientação da Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Daisy Fragoso, portadora do RG nº 44.199.383-7.

AUTORIZO, também, a divulgação pública dos resultados deste trabalho e entendo que os mesmos não serão usados para fins lucrativos. Além disso, declaro ciência de que a minha participação é voluntária e que posso deixar a pesquisa em qualquer momento sem prejuízos a mim.

São Paulo, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) participante da pesquisa

\_\_\_\_\_  
Pesquisadora  
Vitória Stefany Lima de Andrade

\_\_\_\_\_  
  
Orientadora  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Daisy Fragoso